

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Stefanie Veríssimo Bastos

**O ENSINO DA LIBRAS E SEUS EFEITOS NA COMUNICAÇÃO COM OUVINTES
AUTISTAS**

Belo Horizonte
2023

Stefanie Veríssimo Bastos

O ENSINO DA LIBRAS E SEUS EFEITOS NA COMUNICAÇÃO COM OUVINTES AUTISTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: (3E) Plurilinguismo, Políticas Linguísticas e Educação Bilíngue.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Elidéa Lúcia Almeida Bernardino.

Belo Horizonte
2023

B327e

Bastos, Stefanie Veríssimo.

O ensino da Libras e seus efeitos na comunicação com ouvintes autistas [manuscrito] / Stefanie Veríssimo Bastos. – 2023.

1 recurso online (95 f. : fots., grafs., color.) : pdf.

Orientadora: Elidéa Lúcia Almeida Bernardino.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Plurilinguismo, Políticas Linguísticas e Educação Bilíngue.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 94.

Anexos: f. 85-94.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua brasileira de sinais – Teses. 2. Aquisição segunda de linguagem – Teses. 3. Surdos – Educação – Teses. 4. Autismo – Teses. 5. Língua portuguesa – Métodos de Ensino – Teses. I. Bernardino, Elidéa Lúcia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 419



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

O ENSINO DA LIBRAS E SEUS EFEITOS NA COMUNICAÇÃO COM OUVINTES AUTISTAS

STEFANIE VERÍSSIMO BASTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Plurilinguismo, Políticas Linguísticas e Educação Bilingue.

Aprovada em 19 de setembro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Michelle Andrea Murta – Presidente da banca/representante da orientadora
UFMG

Prof(a). Giselli Mara da Silva
UFMG

Prof(a). Karina Fidelis Filgueiras
PUC-MG

Belo Horizonte, 19 de setembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Giselli Mara da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 20/09/2023, às 07:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Michelle Andrea Murta, Professora do Magistério Superior**, em 20/09/2023, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **KARINA FIDELES FILGUEIRAS**, Usuária Externa, em 09/10/2023, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2537729 e o código CRC AD942D25.

Esta pesquisa é dedicada a todas as pessoas que sonham e lutam por uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Em especial, dedico aos autistas e suas famílias que aprendem diariamente a ver o mundo sob uma nova perspectiva e também a superar obstáculos na contramão de um mundo que olha sempre com preconceitos e julgamentos. Dedico também a todos aqueles que estudam e inserem a Libras em nossa sociedade. Estendo a dedicatória à minha mãe, minha maior incentivadora e que sonhou este sonho comigo.

AGRADECIMENTOS

Um longo caminho foi percorrido até chegarmos a este momento. Minha trajetória acadêmica tornou-me uma pessoa e profissional melhor. Tudo isso só foi possível graças a várias pessoas que estiveram comigo.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer a Deus, a quem dedico tudo. “Porque dEle, por Ele, para Ele são todas as coisas”. Todo trabalho é também, pra mim, uma forma de servir a Deus, por isso coloco tanto amor em tudo que faço.

À Capes e à Prograd, pela bolsa e a extensão concedidas que foram de suma importância para a realização desta pesquisa.

Gostaria de agradecer de forma muito especial à minha orientadora Elidéa, que acompanha minha trajetória desde a graduação, e sempre foi muito solícita e humana. Seu conhecimento e seu exemplo colaboraram muito pra profissional que me tornei, serei eternamente grata.

Ademais, agradeço aos meus pais, Artur e Cláudia, e meu irmão Bruno, que sempre acreditaram em mim e vibram a cada pequena vitória. O apoio de vocês foi essencial nesta etapa.

Por último, deixo um agradecimento a todos os anjos que tenho em minha vida que sempre estiveram comigo e contribuíram para que a caminhada fosse mais leve. Em especial, agradeço à Mariana, que me ajudou tanto no processo final desta dissertação, à comunidade surda e aos autistas e seus familiares que são tão importantes para essa temática. A todos vocês, minha gratidão.

“O sonho da igualdade só cresce no terreno do respeito
pelas diferenças.” Augusto Cury

RESUMO

É indiscutível o fato de que o aprendizado de uma língua traz diversos benefícios para o aprendiz. Línguas orais e gestuais podem trazer benefícios diferentes, justamente por serem modalidades distintas de língua. Pensando nisso, o presente trabalho objetiva-se investigar a importância e os efeitos do aprendizado de língua de sinais por ouvintes dentro do espectro autista, uma vez que eles são muito visuais e muitos apresentam dificuldade na aquisição da língua oral. O uso da língua gestual é também na tentativa de auxiliar na posterior aquisição da língua materna (oral), ou seja, a principal finalidade é permitir um melhor desenvolvimento na linguagem que, automaticamente, aumenta o acesso a ambientes sociais, gera independência e desenvolvimento cognitivo e linguístico. A pesquisa foi baseada no repertório bibliográfico escasso, mas já existente da área. Os principais referenciais são Quadros e Pizzio (2011), no que tange ao processo de aquisição da língua de sinais por pessoas ouvintes, e os estudos de caso de Sales e Antonio (2014) e Scheuermann e Webber (2001) em relação ao ensino de língua de sinais para autistas não verbais. Além disso, parte da metodologia desta pesquisa foi a aplicação de formulários e experiência com estudo de caso. Com isso, pode-se concluir que há resultados positivos, mas ainda há que se estudar mais sobre a temática uma vez que o grupo de análise é muito pequeno e os autistas são um grupo extremamente heterogêneo de aprendizes.

Palavras-chave: Libras; Autismo; Língua de sinais; Aquisição de língua; Ensino.

ABSTRACT

It is indisputable the fact that learning a language brings many benefits to the learner. Spoken and sign languages can bring different benefits, precisely because they are different language modalities. With that in mind, the present work aims to investigate the importance and effects of hearing children within the autistic spectrum learning sign language, since they are very visual, and many have difficulty in acquiring spoken language. The use of sign language is also an attempt to help in the subsequent acquisition of the mother tongue (oral), that is, the main purpose is to allow a better development in language that automatically increases access to social environments, generates independence, linguistic and cognitive development. The research was based on the scarce but already existing bibliographic repertoire of the area. The main references are Quadros and Pizzio (2011), regarding the process of acquisition of sign language by hearing children, and the case studies of Sales and Antonio (2014) and Scheuermann and Webber (2001) regarding the teaching of sign language for non-verbal autistic people. In addition, part of the methodology of this research was the application of forms and an experience in a case study. With this, it can be concluded that there are positive results, but there is still more to study on the subject since the analysis group is very small and autistic people are an extremely heterogeneous group of learners.

Keywords: Libras; Autism; Sign language; Language acquisition; Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Libras - Língua Brasileira de Sinais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LS - Línguas de Sinais

TEA - Transtorno do Espectro Autista

L1 - Primeira língua

L2 - Segunda língua

CDC - Centers for Disease Control and Prevention

TEA - Transtorno do Espectro Autista

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EUA - Estados Unidos da América

DSM-V - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

AAC - Advanced Audio Coding

ABA - Applied Behavior Analysis

RS - Rio Grande do Sul

APAAG - Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Guarujá

CA - Comunicação alternativa

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEACCH - Treatment and of Autistic and Related Communication Handicapped Children

CEP - Conselho de Ética em Pesquisa

PCDs - Pessoas Com Deficiência

AEE - Atendimento Educacional Especializado

CAA - Comunicação Alternativa e Aumentativa

PECS - Pyramid Educational Consultants

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

AEE – Atendimento Educacional Especializado

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Surdos que usam língua de sinais segundo o grau de surdez.....	11
FIGURA 2 - Igualdade vs Equidade.....	22
FIGURA 3 - Material utilizado no mini curso	37
FIGURA 4 - Livro “Piccolo e Nuvola”.....	38
FIGURA 5 - Vídeo Min e as mãozinhas.....	39
FIGURA 6 - Esquilo sinalizando “oi”.....	40
FIGURA 7 - O sumiço das cores.....	41
FIGURA 8 - Sinais para colorir.....	42
FIGURA 9 - Jogo: Perseguição em labirinto - Cores em Libras.....	42
FIGURA 10 - Fichas nomes de animais em Libras.....	43
FIGURA 11 - Uno Libras.....	44
FIGURA 12 - Gráfico de respostas da pergunta 3 do formulário para pais de autistas.....	46
FIGURA 13 - Gráfico de respostas da pergunta 4 do formulário para pais de autistas.....	46
FIGURA 14 - Respostas da pergunta 5 do formulário para pais de autistas.....	47
FIGURA 15 - Respostas da pergunta 6 do formulário para pais de autistas.....	50
FIGURA 16 - Respostas da pergunta 7 do formulário para pais de autistas.....	52
FIGURA 17 - Respostas da pergunta 8 do formulário para pais de autistas.....	54
FIGURA 18 - Respostas da pergunta 9 do formulário para pais de autistas.....	57
FIGURA 19 - Aplicativo TD Snap.....	60
FIGURA 20 - Gráfico de respostas da pergunta 4 do formulário para surdos.....	62
FIGURA 21 - Gráfico de respostas da pergunta 5 do formulário para surdos.....	63
FIGURA 22 - Respostas da pergunta 6 do formulário para surdos.....	63
FIGURA 23 - Respostas da pergunta 7 do formulário para surdos.....	64
FIGURA 24 - Respostas da pergunta 8 do formulário para surdos.....	64
FIGURA 25 - Respostas da pergunta 9 do formulário para surdos.....	65
FIGURA 26 - Respostas da pergunta 10 do formulário para surdos.....	65
FIGURA 27 - Criança 1 assistindo ao vídeo.....	67
FIGURA 28 - Criança 2 realizando uma das atividades.....	68
FIGURA 29 - Crianças 3 e 4 no mini curso.....	68
FIGURA 30 - Desenhos sobre o livro.....	70
FIGURA 31 - Atividade para colorir - Sinais das cores.....	71
FIGURA 32 - Criança 2 sinalizando “vermelho”.....	72
FIGURA 33 - Post da mãe da criança 2 no Instagram sinalizando “gato”	72

SUMÁRIO

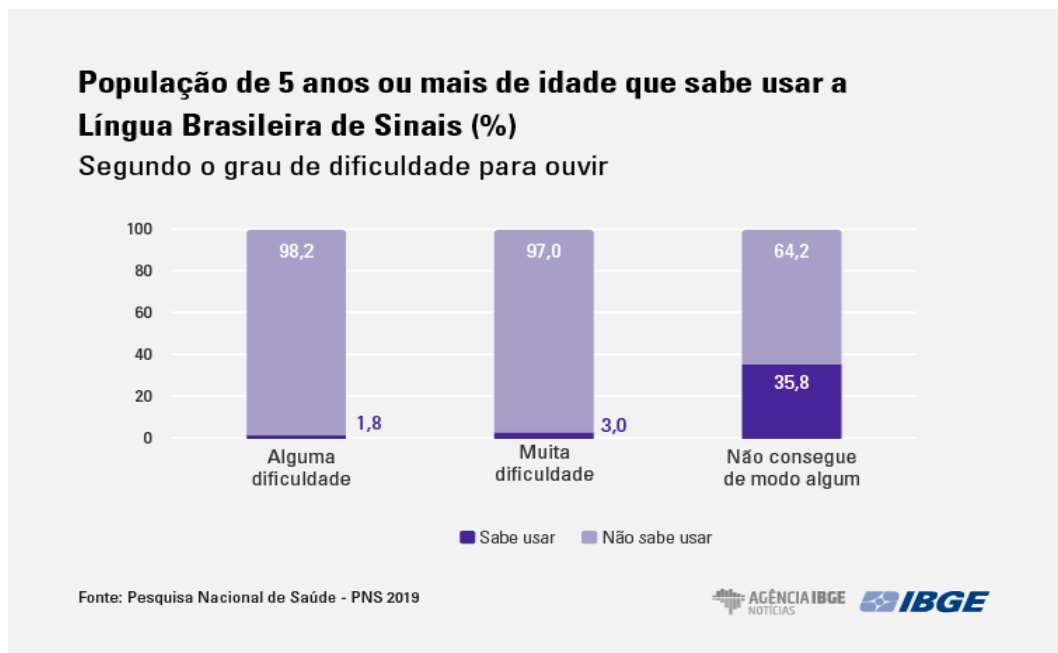
1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Justificativa.....	14
1.2 Objetivos.....	17
1.2.1 Objetivo geral.....	17
1.2.2 Objetivos específicos.....	17
1.3 Estrutura da dissertação.....	18
2 A LIBRAS E O AUTISMO.....	19
2.1 Breve histórico de Libras e da luta dos Surdos no Brasil.....	19
2.2 O grupo de autistas no Brasil.....	19
2.3 Surdez e autismo no Brasil.....	21
2.4 Escolas inclusivas.....	22
2.5 Considerações sobre a linguagem visual e o autista.....	24
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	26
3.1 O ensino de Libras.....	26
3.2 Métodos de ensino para autistas	29
3.3 Estudos de caso.....	32
3.3.1 Sales e Antonio (2014)	33
3.3.2 Scheuermann e Webber (2001)	34
3.4 A importância de pensar a proposta do ensino de língua de sinais para os autistas.....	35
4 METODOLOGIA.....	36
4.1 Introdução.....	36
4.2 Método e tipo de pesquisa.....	36
4.3 Procedimentos metodológicos.....	37
4.3.1 Questionários.....	38
4.3.2 Mini curso.....	39
5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	48
5.1 Dados obtidos nos questionários.....	48
5.1.1 Questionário para pais de autistas.....	48
5.1.2 Questionário para surdos professores de autistas.....	64
5.2 Resultados Mini curso.....	68
5.3 Análise geral.....	75
6 CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

O aprendizado de uma língua é, indiscutivelmente, benéfico para o aprendiz. Além do desenvolvimento linguístico, de forma geral, vários estudos, como o da Academia Americana de Neurologia (2013), mostram que pode-se também melhorar a criatividade, o desenvolvimento de habilidades com multitarefas, diminuir o risco de doenças cerebrais, aprimorar a agilidade mental, a memória e enriquecer culturalmente. No caso do aprendizado de línguas de grupos marginalizados socialmente por pessoas que não pertencem a esse grupo, é possível considerar também o aprendizado como uma maneira dar visibilidade e prestígio à língua e seu grupo de falantes.

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) tem um grande número de falantes/usuários. Segundo o censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2021, 2,3 milhões de pessoas possuem algum grau de surdez. Não há um registro que mostre qual a porcentagem dos surdos que são falantes de língua de sinais, mas é uma minoria segundo a pesquisa do Instituto. Porém, esse número tem crescido, inclusive no Brasil, especialmente depois da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu a Libras como língua. Além dos surdos falantes de LS (Línguas de Sinais), deveriam também ser acrescidos os ouvintes usuários das línguas.

Figura 1 - Surdos que usam língua de sinais segundo o grau de surdez



Fonte: CRÔNICAS DA SURDEZ, 2023.

No caso dos surdos, as línguas de sinais são essenciais para um bom desenvolvimento cognitivo. Além disso, há indícios de que para os ouvintes, o aprendizado de uma língua gesto-

visual possa trazer uma série de benefícios, como ampliação da visão periférica e melhor desenvolvimento corporal, por exemplo. Ademais, têm surgido hipóteses de que as línguas de sinais podem auxiliar no desenvolvimento de autistas, e este também será um tópico abordado no presente trabalho.

A autora é educadora e trabalha na área desde 2019. Em sua experiência em sala de aula, deparou-se com um aluno que não tinha linguagem. A mãe dizia que ele era surdo, e que além disso só tinha epilepsia, no entanto, todos os professores notaram que ele sofreu uma privação linguística e social absurda que não o permitiu desenvolver em diversos sentidos. Por exemplo, ele não sabia que pra chupar um pirulito precisa tirar o plástico, ao ir ao banheiro precisa fechar a porta, ele não entendia que o cheiro da flatulência incomodava os outros colegas nem parecia entender que aquilo era produzido pelo seu próprio corpo. Além disso, ele tinha sérias dificuldades motoras.

Por ter outro surdo na sala, a pesquisadora – e na época professora regente de língua portuguesa dessa turma - começou a dar aulas de Libras para a turma uma vez na semana, na tentativa de melhorar o entrosamento entre os alunos, dar visibilidade aos surdos e ajudar principalmente no desenvolvimento desse aluno em específico. No entanto, com o tempo, toda a equipe pedagógica pôde perceber que esse aluno não era surdo – ou se era, em um grau leve de surdez - uma vez que ele reagia a barulhos, inclusive a conversa dos outros colegas em sala o incomodava bastante. Ainda assim, ele respondeu muito bem aos estímulos visuais e isso o ajudou na iniciação da escrita e, principalmente, no seu desenvolvimento global de linguagem.

Além dessa experiência, a autora convive há anos com o filho de sua madrinha que é um autista não verbal de nível 3. Atualmente ele é uma criança de 11 anos e que ainda tem muita dificuldade de estabelecer comunicação. Porém, a autora pôde perceber que ele constantemente fazia alguns gestos para pedir algumas coisas. Quando ele quer ir ao banheiro, por exemplo, coloca a mão perto da virilha e aperta o seu órgão genital. Com isso, a pesquisadora pensou que talvez fosse possível introduzir uma língua gesto-visual na tentativa de tornar a linguagem dele mais funcional e ajudar no seu desenvolvimento como um todo.

1.1 Justificativa

O livro “O que eu nunca disse antes”, de Federico Rosa (2016), traz o relato de um autista que não conseguia se comunicar e, aos 8 anos, ele descobre que conseguia se expressar através do computador. Ele usava dessa tecnologia para interagir e, assim, obtinha mais sucesso. Durante seu relato, ele reforça que autistas sofrem por não conseguirem ser compreendidos e

essa falta de comunicação constrói uma ponte entre eles e a sociedade neurotípica (não autistas), demonstrando que o diagnóstico do autismo não os prende, tampouco os torna loucos, burros ou perdidos num outro mundo, apenas os torna diferentes. Essa diferença precisa ser respeitada e tratada com um olhar diferenciado que atenda suas singularidades. Ele ainda traz a reflexão de que as pessoas os veem como “anormais”, mas que o conceito de normalidade depende do ponto de vista. Para ele, por exemplo, o normal é ser autista. Então, não podemos colocar esses rótulos por diferenças entre pessoas.

Sendo assim, acreditamos que é possível desenvolver a comunicação de crianças autistas não-verbais por meio de formas alternativas, especialmente com o uso de uma língua de sinais. Como eles não verbalizam na língua de dominância local – o português, no caso do Brasil - mas ainda assim, comunicam-se até certo ponto com sua família e pessoas do seu ciclo por meio da gestualidade, acreditamos que com uma língua visuoespacial ele possa se comunicar também. Permitir acesso por meio de uma língua e desenvolver a comunicação são formas de incluir alguém na sociedade. Portanto, o presente estudo justifica-se por ser uma tentativa de incluir verdadeiramente mais pessoas na sociedade, especialmente um grupo tão específico que sofre tanto pela não verbalização (seja ela oral ou sinalizada).

É indiscutível o fato de que a educação precisa de mudanças para ter um maior alcance, especialmente no que tange à inclusão. Os surdos, apesar de já terem lei e decreto assegurando direitos, como o de aprender língua de sinais (decreto nº 5.626), ter direito a intérprete e ter a língua reconhecida oficialmente (lei nº 10.436), ainda enfrentam muitas barreiras na sociedade e no âmbito da educação. Uma delas é o preconceito com as línguas de sinais. Da mesma forma que as línguas orais, elas possuem estrutura própria, com gramática completa (em seus diversos níveis: fonológico, semântico, sintático e pragmático), é natural (surtiu naturalmente entre os surdos), sofre variações (temporais, regionais, entre outras) e é criativa, conseguindo passar todos os conceitos existentes - concretos ou não. No entanto, por conta do pré-julgamento existente, ela é “minoritarizada” (este termo reforça a ideia de que, apesar de não ser uma língua minoritária por conta do grande número de falantes/usuários e por não estar em risco de extinção, ela é marginalizada socialmente), vista apenas como uma língua de surdos.

Além do fato inquestionável de que o aprendizado da língua de sinais por ouvintes criaria uma sociedade mais acessível para os surdos, como qualquer outra língua, ela também pode trazer benefícios para o aprendiz. Dentre esses, podemos destacar a expansão do poder comunicativo gestual, a descoberta de maneiras alternativas de processar e transmitir informações e ampliação da visão.

Estudos recentes têm discutido como o desenvolvimento de uma linguagem gestual pode ajudar no desenvolvimento linguístico, cognitivo e social de ouvintes com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Perez (2016), afirma que muitas crianças autistas são aprendizes visuais. Com isso, espera-se que a Libras possa auxiliar crianças autistas a se desenvolverem na comunicação gestual e talvez até mesmo na comunicação verbal, especialmente aqueles não-verbais.

Silva et al. (2017) lembram que a criança que não consegue se comunicar com sua família, especialmente com a mãe ficam agitadas, nervosas porque seus pais não o entendem, e isso causa incômodo e isolamento com o passar do tempo. Essa é uma realidade dos surdos e de muitas crianças autistas que, muitas vezes, os pais chegam a queixar de agressividade. Sabemos que a origem disso tudo é a falta de comunicação. Portanto, esse problema precisa ser solucionado.

Não encontramos estudos que mostrem efeitos na língua oral pela aquisição de uma língua gestual por autista, mas existem alguns estudos sobre bilinguismo bimodal que retratam sobre isso e mostram que não há prejuízos posteriormente na aquisição da língua oral – ou segunda língua – quando isso ocorre. Davidson, Martin e Pichler (2014) apresentam um estudo em que analisaram codas (ouvintes filhos de pais surdos) e surdos com implante coclear e seus desenvolvimentos linguísticos e suas relações com as línguas orais e as línguas de sinais. Com esse estudo, eles concluíram que o conhecimento precoce de uma língua de sinais não impede o desenvolvimento da língua oral. Ou seja, o aprendizado de uma língua não afeta o aprendizado da outra. O fator que mais influencia é o período em que a língua é adquirida. Eles dizem ainda que a entrada precoce da língua auxilia a alfabetização das crianças e as habilidades linguísticas. Tudo isso reforça a ideia de que o contato com a língua – para um melhor desenvolvimento e mais fácil aquisição – deve ocorrer no período pré-lingual.

Mayberry (2007) faz um estudo também para analisar o efeito gerado pela idade de aquisição da primeira língua para adquirir a segunda língua. Ela analisa diferentes níveis linguísticos para criar esse comparativo e conclui que a aquisição precoce de uma L1 (primeira língua) faz com que o falante consiga mais facilmente adquirir uma L2 (segunda língua), ainda que elas sejam de modalidade diferentes, uma oral e uma visual. Dito isso, é possível afirmar que ter uma língua adquirida em tenra idade permite um melhor desenvolvimento do falante, inclusive na aquisição da sua segunda língua.

A partir disso, o presente estudo tem por justificativa desmistificar a língua de sinais enquanto língua para surdos – respeitando, claro, o lugar de fala dos surdos bem como sua cultura e língua - e, por consequência, quebrar preconceitos existentes. Além disso, é preciso

identificar os benefícios da aquisição da Libras como L2 (entende-se L2 como uma segunda língua aprendida em contexto não natural e com objetivos específicos) para ouvintes dentro do espectro autista bem como verificar o avanço no desenvolvimento da linguagem como um todo. Com isso, espera-se o aprimoramento das habilidades comunicativas e cognitivas de ouvintes autistas aprendizes de LS (língua de sinais) e a inclusão e desenvolvimento deles, possibilitando acesso social e linguístico. Esta proposta é inovadora, portanto, haverá estudo de caso visando resultados concretos. Outra justificativa do trabalho é a necessidade de expandir o estudo nesta área de pesquisa, porque trabalhos sobre esse assunto ainda são escassos.

1.2 Objetivos

Os objetivos da pesquisa estão divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo geral

Investigar acerca do aprendizado de língua de sinais por ouvintes dentro do espectro autista.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar os benefícios adquiridos por ouvintes aprendizes de línguas de sinais;
- Analisar e descrever o contato inicial de autistas, inclusive não-verbais, com a Libras;
- Verificar a funcionalidade do ensino/aprendizado de uma língua de sinais como forma de inclusão;
- Pesquisar como tem sido o ensino para autistas e o desenvolvimento da linguagem deles em âmbito escolar e dentro de casa;
- Contribuir para o aumento do repertório de pesquisas na área de ensino/aprendizagem de Libras para autistas.

1.3 Estrutura da dissertação

Este trabalho é composto por 6 capítulos. No primeiro deles, encontramos a INTRODUÇÃO do tema, em que apresentamos e contextualizamos a temática, bem como justificamos a pesquisa e definimos nossos objetivos.

O segundo capítulo, denominado A LIBRAS E O AUTISMO, discorre acerca do histórico da Libras e da luta dos surdos no Brasil. Além disso, sondamos sobre o grupo de autistas no país e como é a classificação dos indivíduos dentro do espectro. Ademais, discutimos acerca da relação entre surdez e autismo, escolas inclusivas e como a linguagem visual é relevante para os autistas.

O terceiro capítulo é o REFERENCIAL TEÓRICO. Nele, há uma breve discussão acerca do ensino de Libras, de métodos de ensino para autistas, da importância de se pensar na proposta do ensino de língua de sinais para autistas bem como a apresentação de dois estudos de caso - Sales e Antonio (2014) e Scheuermann e Webber (2001) - que nortearam este estudo. Infelizmente essa é uma área ainda pouco estudada, então a pesquisa foi intensa mas encontramos poucos estudos sobre o tema. Isso torna este trabalho ainda mais relevante, uma vez que o embasamento teórico é escasso.

No quarto capítulo é discorrido acerca da METODOLOGIA utilizada no estudo. Primeiramente, será apresentado o método e tipo de pesquisa e os procedimentos metodológicos, que foram divididos em duas partes: questionários para pais de autistas e surdos professores de autistas e também um mini curso de Libras.

O quinto capítulo é a COLETA E ANÁLISE DE DADOS. Nessa parte, apresentaremos e comentaremos os resultados obtidos na aplicação dos questionários e na realização dos mini cursos. Foram 2 questionários com um total de 35 participantes e mini curso com 4 crianças autistas.

Por último, temos o capítulo de CONCLUSÃO. Nele, apresentaremos a análise final do estudo, bem como as conclusões a que pudemos chegar e a verificação de quais objetivos foram alcançados ou não. Logo após, serão encontradas todas as REFERÊNCIAS utilizadas para a produção desta dissertação.

2 A LIBRAS E O AUTISMO

2.1 Breve histórico da Libras e da luta dos Surdos no Brasil

Por muito tempo os surdos foram considerados incapazes e eram obrigados a se enquadrarem na oralidade e proibidos de usar a língua de sinais. Felizmente, os estudos na área, como os de Stokoe de 1960, por exemplo, reforçaram que a língua de sinais é a língua natural para os surdos e que tem todos os aspectos que enquadram uma língua nesse “status” e a língua oral – na modalidade escrita e, apenas se o surdo desejar, também na modalidade oral – é a segunda língua, porque precisa ser ensinada de forma sistematizada.

Ainda em 2023, há muitos mitos acerca da Libras que rondam na sociedade, como ela ser uma linguagem, equivalente a mímica ou uma gestualização sem regras, que ela impede o surdo de aprender uma língua oral ou que é menos completa ou complexa que uma língua oral (QUADROS E KARNOPP, 2004). Afortunadamente, as pesquisas na área têm aumentado e demonstrado toda a riqueza da língua de sinais. Apesar de ainda não ser considerada como uma língua oficial do país, em 24 de abril de 2002, por meio da lei 10.436, a Libras foi reconhecida como língua. Esse reconhecimento em âmbito nacional já é bem significativo. Por outro lado, isso é insuficiente e ainda não inclui o surdo totalmente na sociedade uma vez que não há intérpretes em todos os lugares e a língua não é ensinada nas escolas regulares para que todos saibam e consigam se comunicar com os surdos.

2.2 O grupo de autistas no Brasil

Segundo dados de 2023 do CDC (Centers for Disease Control and Prevention - United States Department of Health and Human Services), 1 a cada 36 crianças aos 8 anos de idade é diagnosticada dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos Estados Unidos. Esse valor representa um aumento de 22% em relação ao estudo anterior, que havia sido divulgado em dezembro de 2021, no qual estimava-se que 1 em cada 44 crianças apresentava TEA em 2018.

Ao aplicar essa prevalência para o Brasil, hipoteticamente, podemos estimar o número de pessoas com TEA no país. Com uma população de 203.100.000 habitantes, de acordo com dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dividimos esse número por 36, resultando em cerca de 5.641.666 de pessoas vivendo no espectro autista no Brasil. Esses números levantam questões importantes sobre a necessidade de uma maior conscientização sobre a condição, mas ainda seria uma estimativa baseada em pesquisas mais avançadas dos Estados Unidos.

Em 2019, foi publicada uma lei (nº13.861) que obriga os censos demográficos a incluírem as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nas pesquisas. Segundo a Clínica DMI (2023), a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que há cerca de 2 milhões de autistas no Brasil. Sendo a população total no país de 203 milhões de habitantes (CENSO, 2022), significa que quase 10% da população estaria no espectro. Esse número é bem alto, mas ainda está bem distante do valor ao se aplicar as taxas da pesquisa do CDC, citada anteriormente, mas é preciso considerar que muitas pessoas vivem dentro do espectro, mas não são diagnosticadas. Dito isso, não há ainda um número certo de pessoas com TEA no Brasil, nem mesmo do IBGE.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange um conjunto de transtornos de neurodesenvolvimento complexos que se manifestam em dificuldades na interação social, na comunicação e no comportamento. Em 2013, a American Psychiatric Association incluiu quatro subtipos no TEA, com o objetivo de reunir sob uma mesma categoria as diversas manifestações do autismo. Esses subtipos são: a síndrome de Asperger, o transtorno invasivo do desenvolvimento, o transtorno autista e o transtorno desintegrativo da infância.

De acordo com informações do artigo “Quais são os tipos de autismo (TEA)” (2021), publicado pelo Instituto Neurosaber de Ensino, a síndrome de Asperger está na extremidade mais branda do espectro autista, apresentando inteligência geralmente alta e preservação da capacidade de realizar atividades diárias, mas com dificuldades significativas na interação social. O transtorno invasivo do desenvolvimento inclui crianças com autismo mais grave que a síndrome de Asperger, caracterizado por desafios significativos na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. O transtorno autista era o termo mais antigo usado para diagnosticar pessoas com sintomas similares aos da síndrome de Asperger e do transtorno invasivo do desenvolvimento, porém com níveis mais graves de dificuldade. O transtorno desintegrativo da infância era utilizado para casos mais graves no espectro autista, caracterizados por crianças que se desenvolvem de maneira típica nos primeiros anos de vida e, posteriormente, perdem habilidades sociais, de linguagem e cognitivas.

O diagnóstico do TEA é realizado por médicos e pode ser feito nos primeiros anos de vida da criança por meio da avaliação dos sinais e sintomas, observação da criança e entrevistas com os pais ou cuidadores. O DSM-V lista três níveis (ou graus) de TEA, determinados de acordo com a quantidade de suporte que o indivíduo necessita. Assim, uma criança no nível 1 do TEA requer suporte e apresenta dificuldades nas interações sociais, comportamento inflexível e dificuldades de organização e planejamento, podendo ainda ter habilidades de comunicação claras, mas com dificuldades para manter uma conversa. Já crianças no nível 2

demandam suporte substancial, com dificuldades perceptíveis na comunicação social, questões sociais aparentes apesar dos apoios em vigor e comportamentos mais restritos ou repetitivos que interferem no funcionamento diário. Por fim, uma criança no nível 3 requer muito suporte, com dificuldades graves na comunicação social, iniciação muito limitada de interações sociais e comportamentos restritos ou repetitivos que interferem significativamente em todas as áreas da vida.

É importante entender os diferentes tipos e níveis de autismo para garantir uma abordagem mais precisa e adequada no suporte e inclusão de indivíduos com TEA.

2.3 Surdez e Autismo no Brasil

Embora a surdez e o autismo sejam condições diferentes e não relacionadas, a comunicação é um fator de dificuldade em ambos os casos. Além disso, é possível encontrar casos de indivíduos que apresentam ambas as condições. Esses casos podem ser desafiadores, pois as dificuldades na comunicação e interação social, comuns no autismo, podem ser agravadas pela surdez, o que pode levar a um diagnóstico tardio ou equivocado em alguns casos.

Os surdos apresentam problemas na comunicação e no desenvolvimento da linguagem, na maioria das vezes, por sofrerem privação linguística, principalmente os que já nascem surdos. A Dr. Marcia Goldfeld reforça sobre essa questão da linguagem para surdos em “A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva socio-internacionalista (1997)” e diz:

A história dos surdos comprova as ideias de Vygotsky e Bakhtin quanto à importância da linguagem no desenvolvimento do pensamento e da consciência, mostrando também que a sua aquisição pela criança deve ocorrer através de diálogos, conversações, já que, sem uma língua de fácil acesso, os surdos não conseguiriam participar ativamente da sociedade. (p. 159).

Grande parte do nosso aprendizado é adquirido pela audição. Um bebê, por exemplo, aprende o significado por ouvir os adultos falando com ele, posteriormente ele começa a repetir (oralizando). A surdez em si não gera impedimento biológico para a fala (a não ser que seja acrescida de alguma doença ou problema no aparelho fonador). Ademais, por conta dessa condição, eles são mais visuais, logo percebem o mundo de uma forma diferente.

Por sua vez, existem diferentes perfis de TEA, e um deles é o autismo não verbal, o qual se refere a um subgrupo de pessoas no espectro autista que tem dificuldades significativas em desenvolver habilidades de linguagem verbal. Essas pessoas podem apresentar atraso no desenvolvimento da fala ou podem nunca desenvolver a habilidade de se comunicar através da fala.

Segundo o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (2013), as razões pelas quais algumas pessoas com TEA são não verbais são variadas e não se limitam apenas a um único fator biológico ou neurológico. Acredita-se que uma combinação de fatores genéticos, neurobiológicos e ambientais pode contribuir para o desenvolvimento do autismo não verbal, como: dificuldades na comunicação pragmática, disfunção da linguagem ou dificuldades sensoriais. Além disso, pode ser causado por comorbidades médicas e neurológicas ou variação no desenvolvimento, pois o espectro autista é caracterizado por uma ampla variação nas habilidades e desafios de cada indivíduo, no qual algumas pessoas podem adquirir a fala mais tarde do que outras ou podem experimentar períodos de desenvolvimento atípicos.

No entanto, é importante compreender que a falta de comunicação verbal não implica que essas pessoas não possuam habilidades de comunicação, mas sim que elas utilizam outras formas de se expressar e interagir com o mundo, que nem sempre são compreendidas. Assim, o desenvolvimento de estratégias de comunicação adaptativas é fundamental para permitir que essas pessoas expressem suas ideias, necessidades e emoções e sintam-se parte da sociedade.

2.4 Escolas inclusivas

De acordo com o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, proposto pelo Ministério da Educação em 2004, escolas inclusivas são instituições que valorizam a diversidade e buscam eliminar barreiras para a aprendizagem e participação de todos os alunos, respeitando suas diferenças e potencialidades. Dentre as características fundamentais dessas escolas, destacam-se: acessibilidade física, com infraestrutura adequada para a locomoção e atendimento de estudantes com mobilidade reduzida; adaptações curriculares, buscando atender às necessidades educacionais específicas de cada aluno; professores especializados e preparados para lidar com a diversidade e implementar práticas pedagógicas inclusivas; apoio especializado, com a presença de psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais; recursos pedagógicos especiais, como salas de recursos multifuncionais e tecnologias assistivas; ambiente acolhedor, que favorece a interação, a cooperação e o respeito entre os alunos, os professores, as famílias e a comunidade.

No Brasil, a educação inclusiva é um direito garantido por leis e políticas públicas, mas ainda enfrenta muitos desafios e controvérsias. Existem alguns bons exemplos no Brasil, como a Escola da Vila, localizada em São Paulo, que oferece bolsas de estudo para alunos de baixa renda de escolas públicas no ensino médio, através do Projeto Ampliar. Além disso, a escola

acolhe estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento, como o autismo, oferecendo atendimento educacional especializado e recursos de acessibilidade. Outro exemplo é o Colégio Coronel Pilar em Santa Maria (RS), que possui estrutura adequada, acompanhamento especializado e flexibilização de conteúdo. Atualmente o colégio conta com 45 alunos com deficiência.

Assim, as escolas inclusivas desempenham um papel crucial na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa, promovendo o respeito à diversidade, a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento integral de todos os estudantes, pois de acordo com a Declaração de Salamanca (1994), as escolas deveriam acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Também é importante ressaltar que a “educação inclusiva é a aceitação das diferenças, não uma inserção em sala de aula”. Assim, requer modificações no sistema educacional, colaboração de todo o corpo escolar e abordagem de temas sobre respeito e dignidade (MOREIRA, 2006).

A questão de escolas inclusivas é bem polêmica, uma vez que há o senso comum de que incluir é “colocar dentro da normalidade”, ou seja, receber em escolas regulares para que pessoas com deficiência não sejam isoladas, mas estejam no meio de pessoas sem deficiência. Porém, há que se pensar que escolas regulares nem sempre estão preparadas para receber alunos com necessidades diferentes das convencionais. Lecionar um conteúdo que não chega ao aluno, com metodologias que fracassam e que não atendem suas reais necessidades, apenas o atrasa em relação ao desenvolvimento. O não acesso ao conhecimento é mais preocupante do que uma separação geográfica, porque isso vai manter aquele aluno com o rótulo de incapaz e não o faz progredir.

Judite Hertal diz que "como as aves, pessoas são diferentes em seus vôos, mas iguais no direito de voar". Isso retrata bem essa situação, uma vez que colocar todos os alunos dentro de um padrão não respeita suas diferenças, logo o conhecimento não chega a todos, então, padronizar pode se parecer mais com uma exclusão do que uma inclusão de fato. É importante ressaltar que não estamos afirmando aqui que toda escola inclusiva funciona nem que toda regular não funciona, apenas defendemos que as especificidades do aprendiz devem ser consideradas e que seu tempo e modo de aprender deve ser respeitado.

Figura 2 - Igualdade vs Equidade



Fonte: INCLUTOPIA, 2020.

É interessante pensarmos aqui então sobre um lugar que oferece o conteúdo de forma igual para todos os diferentes alunos, não consegue colaborar verdadeiramente para todos eles. Isso é demonstrado na figura 2. Para permitir que todos tenham sucesso, vão ter demandas distintas. Na imagem, para todos conseguirem assistir ao jogo, não é uma caixa que resolverá o problema de todos. O adulto já consegue ver, a menina precisa de duas caixas e o cadeirante precisa de uma rampa. A equidade (que pode ser entendida como justiça) é fornecer aquilo que é necessário. Isso é o que uma escola inclusiva (seja ela também regular ou não) precisa oferecer aos seus alunos. Boaventura de Souza Santos disse uma vez que devemos “lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize.”

Com isso, pensando no nosso grupo de estudo, o acesso e aperfeiçoamento da comunicação para autistas torna-se de suma importância. Pensando nisso, a Libras se faz relevante neste contexto, pois é uma língua visual e espacial que traz benefícios na compreensão e na expressão comunicativa. Uma escola verdadeiramente inclusiva precisa conhecer as reais necessidades dos seus aprendizes, respeitar seu tempo de aprendizagem e suas limitações. Portanto, precisa ter profissionais habilitados e humanos trabalhando e toda uma dinâmica e estrutura que respeitem tudo isso.

2.5 Considerações sobre a linguagem visual e o autista

Ao considerarmos que a comunicação é um elemento fundamental para o desenvolvimento social e educacional de qualquer indivíduo, entender e atender às necessidades comunicativas dos autistas torna-se uma prioridade. O ensino de Libras e seus

efeitos na comunicação representam uma abordagem promissora para promover a inclusão e facilitar a interação, possibilitando uma comunicação mais efetiva e significativa, além de ajudar na superação de barreiras e desafios enfrentados pelas pessoas com autismo.

Assim, os benefícios da Libras na comunicação com ouvintes autistas vão além da simples transmissão de informações, auxiliando também na expressão de necessidades, desejos e emoções de maneira mais efetiva, o que contribui para o desenvolvimento da autonomia e autoestima. Além disso, a comunicação em Libras pode ajudar a reduzir a ansiedade e o estresse associados às dificuldades na comunicação verbal, permitindo que esses indivíduos se sintam mais seguros e confiantes em suas interações sociais e tenham uma melhor qualidade de vida.

Por fim, é importante ressaltar que o ensino de Libras para indivíduos com TEA requer estratégias pedagógicas e abordagens inclusivas que atendam às necessidades individuais de cada aluno, nas quais escolas inclusivas possuem um papel importante.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Ainda há poucos estudos acerca do ensino de língua de sinais como L2, menos ainda sobre os efeitos gerados no aprendiz. Conforme Quadros e Pizzio (2011), isso revela o pouco interesse dos pesquisadores no processo de aquisição da língua de sinais por pessoas ouvintes, visto que são elas que geralmente adquirem a língua de sinais como L2. Sobre o ensino de língua de sinais para autistas é ainda mais raro, principalmente pelo fato de que ela pode vir a ser a primeira língua. Portanto, este trabalho reúne uma bibliografia restrita, mas que pretende contribuir para aumentar o campo de pesquisas da área.

3.1 O ensino da Libras

Quadros e Pizzio (2011) discutiram acerca de estudos recentes sobre os gestos produzidos por falantes, pois apesar da gesticulação não desempenhar uma função gramatical nas línguas orais, ela é parte importante e interage com os elementos gramaticais das línguas. Pelo fato de a gesticulação fazer parte do domínio espaço-visual, alguns pesquisadores queriam investigar se é possível que habilidades gestuais prévias sejam transferidas no processo de aquisição dos aspectos espaciais das línguas de sinais como L2. Quadros (1997) diz que o *input* visual é extremamente importante para aquisição de Libras, por isso ele deve ser explorado qualitativamente e deve ser avaliado o tempo necessário de exposição para que o processo de aquisição ocorra de maneira adequada.

As línguas fazem parte da linguagem e visam uma forma objetiva de comunicação. Assim, é importante pensar e diferenciar os conceitos de linguagem e de comunicação. Ser capaz de se comunicar é fazer uma troca de informações, independente da forma como isso ocorre. O ser humano é dotado de capacidade linguística que o permite ser criativo e criar novas formas de comunicação frequentemente e isso ocorre por meio de linguagem, seja ela verbal, não-verbal ou mista. Às vezes crianças autistas ou surdas desenvolvem um sistema de linguagem próprio, encontram uma forma de se expressar, mas não conseguem se comunicar porque não são compreendidos, ninguém consegue entender sua linguagem. Nesse ponto, é preciso pensar então se o problema está na criança ou no modelo de ensino ou língua ofertados a ela. É sob essa perspectiva que este trabalho foi desenvolvido.

Rose Bertaglia (2020), no blog do aplicativo Hand Talk (aplicativo de tradução instantânea para Libras – Língua Brasileira de Sinais), diz:

A linguagem e a comunicação têm menos a ver com a produção de sons e palavras e mais com a expressão de significados compartilhados com outras pessoas. Por isso, vale entender que língua e linguagem são coisas distintas e que a língua de sinais entra como grande protagonista nessas relações. Ainda é uma alternativa pouco divulgada, pois muitas vezes os pais temem introduzir essa forma de comunicação aos filhos.

A língua de sinais, infelizmente, ainda não é muito difundida entre pessoas que não conhecem surdos e/ou não são dessa área de estudo. Por isso, inclusive, ainda existem tantos mitos espalhados sobre as línguas de sinais. Quadros E Karnopp (2004) afirmam que

Tais concepções equivocadas em relação às línguas de sinais compartilham traços comuns, assinalando um estatuto lingüístico inferior em relação ao plano da superfície. Todavia, as investigações mostram que as línguas de sinais, sob o ponto de vista lingüístico, são completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise. (p.36).

A premissa de que a Libras não é uma língua tão complexa e por isso não é totalmente funcional é eliminada com os estudos que comprovam o contrário, como alguns citados aqui. Ainda assim, muitas pessoas não sabem língua de sinais e o não conhecimento da língua por grande parte da sociedade faz com que os falantes dessa língua não tenham acesso linguístico em todas as situações, o que é um direito e já deveria ser assegurado em diferentes contextos, afinal já existe lei, como citado anteriormente¹, que reconhece a Libras e exige a presença de intérpretes em determinados ambientes.

O ensino de Libras em escolas regulares é inconsistente, uma vez que não segue um padrão em todas as escolas tampouco faz parte da grade curricular nacional como uma disciplina regulamentada obrigatória. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é o documento que baseia os currículos escolares e orienta professores de todo o país a montarem o planejamento anual que será trabalhado em sala de aula. A orientação quanto aos componentes curriculares é acrescida das habilidades que devem ser trabalhadas. Silva (2018, p. 7) traz um questionamento pertinente acerca do assunto.

Se torna contraditório que uma das competências da BNCC seria: utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita), que aqui encontramos a língua portuguesa, língua materna para os indígenas e a língua estrangeira (...), nesse momento a Libras não tem amparo nessa Base Nacional Comum Curricular. (SILVA, 2018, p. 7).

¹ Apresentado na página 13 deste trabalho, retomamos que o decreto nº 5.626 dá direito a intérprete, conforme mostra o Art. 26. “O Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, deverão garantir às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o seu efetivo e amplo atendimento, por meio do uso e da difusão da Libras e da tradução e da interpretação de Libras - Língua Portuguesa.” (BRASIL, 2018). Além disso, lei nº 10.436 reconhece a Libras como língua. “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.” (BRASIL, 2002).

A autora citada questiona uma vez que temos várias línguas indígenas presentes no território nacional e a Libras e elas não entram na BNCC, sendo que no próprio documento fala de utilizar conhecimento das linguagens e de língua materna e, para uma parte da população - índio, surdos e CODAS - a língua materna nem sempre é o português.

Vemos a língua de sinais presente em algumas escolas municipais ou inclusivas, mas normalmente só para surdos, no contraturno, não sendo obrigatória e nunca na grade curricular. Há vários cursos de idiomas e instituições que oferecem aulas de Libras, mas no âmbito particular.

As pesquisas que abordam o assunto ensino de Libras como L2 para crianças tratam o tema a partir de 2 contextos distintos. O primeiro sendo aquele em que no ambiente de ensino há a presença de crianças surdas e ouvintes e o segundo sendo aquele em que no ambiente de ensino há apenas a presença de crianças ouvintes. A importância de tal ensino, em ambos os contextos, é a difusão do idioma de modo que se possa assegurar que as crianças ouvintes, além de poderem ser consideradas bilíngues, possam se relacionar com as pessoas surdas e o façam sem preconceitos. Em todos os estudos apresentados nessa temática, os resultados apontam que as crianças sempre respondem satisfatoriamente à proposta de aprender Libras como L2. (SILVA, 2020, p. 15).

A autora ainda reitera que a efervescência discursiva em torno da implantação da disciplina de Libras tem produzido significados diferentes sobre os surdos, sua língua e sua educação. A língua inserida em amplo contexto de divulgação e dentro do ensino formal (se fosse incluída na BNCC, por exemplo) adquire um novo status e traz muitos avanços para os surdos e sua vida em sociedade. Carniel (2018) concorda e afirma que isso faz com que a surdez deixe de ser vista como deficiência e passe a ser debatida a partir de sua particularidade étnico-linguística. (SILVA, 2020, p. 7).

Não há indícios em pesquisas de prejuízos do bilinguismo para ouvintes, por outro lado, ele é extremamente benéfico para os surdos e também gera ganhos para os ouvintes. Cameron (2001, 2003) defende a ideia que a aprendizagem de línguas traz contribuições tanto para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, quanto para a formação intelectual, emocional e sociocultural das crianças.

Valadão et al. (2016) fizeram uma pesquisa em que ensinaram língua de sinais a um grupo de alunos ouvintes de escola regular. As autoras puderam concluir que

a quantidade e qualidade da comunicação adquirida superaram nossas expectativas como pesquisadoras, pois, mesmo em um curto período de tempo, as crianças ouvintes conseguiram desenvolver uma comunicação básica na língua. (...) Conscientes das especificidades da língua, o estímulo às percepções visuais e espaciais e sua aproximação dos aspectos culturais da comunidade surda foram fundamentais para o entendimento de quem é a pessoa surda que usa a LIBRAS e se identifica com ela. Tal aproximação se fez necessária para se desmistificar algumas concepções sobre a língua de sinais e para valorizá-la e prestigiá-la como as demais línguas orais. Além disso, as

situações que demandaram a utilização da língua com usuários surdos estimularam a empatia e sua importância nos espaços educacionais e sociais. (VALADÃO et al., 2016).

A iniciativa das autoras é muito interessante e constata alguns dos benefícios do ensino de Libras para ouvintes em escolas regulares e testifica que isso é uma ferramenta para a inclusão.

3.2 Métodos de ensino para autistas

O psicólogo, professor e pesquisador Ivar Lovaas disse, certa vez, que se os alunos não aprendem do jeito que a gente ensina, temos que ensinar de um jeito que eles aprendam. Isso faz sentido e confirma a importância desta pesquisa, uma vez que a realidade é que a maior parte dos autistas não-verbais não conseguem ser ensinados na escola no formato tradicional e têm dificuldades na comunicação. Lovaas et al. afirmam que

Um dos problemas mais sérios para indivíduos com autismo é sua grande dificuldade de adquirir e usar fala. Quase 80% de estudantes de pré-escola entrando no programa de escola pública não tem fala funcional (Bondy e Frost, 1994a). Pais e profissionais igualmente querem que seus estudantes adquiram fala o mais rápido possível. Os capítulos iniciais nesse livro descrevem uma abordagem altamente bem sucedida em ajudar esses estudantes a desenvolver fala. Entretanto, por razões que não são atualmente compreendidas, alguns estudantes não adquirem rapidamente fala ou imitação vocal. Quando um estudante demonstra dificuldade significativa em adquirir fala, pode ser apropriado considerar alguma forma de estratégia de comunicação argumentativa ou alternativa (AAC). (2003, p. 690).

Sendo assim, percebe-se que os métodos de ensino tradicionais não dão conta de atender as especificidades de todos os aprendizes, então, seguindo o mesmo pensamento de Lovaas, é preciso pensar em um ensino diferenciado que chegue ao estudante autista e que o ajude a evoluir linguisticamente, auxiliando no desenvolvimento cognitivo e na sua independência. Nesse caso, as bibliografias consultadas têm sugerido formas alternativas de comunicação, uma delas é a inserção do ensino de língua de sinais para autistas não-verbais.

Nos últimos 20 anos, várias estratégias AAC foram tentadas com crianças com autismo. Por exemplo, pesquisadores estudaram a introdução para linguagem de sinais manuais (Carr, 1982; Reichle, York e Sigafos, 1991). Como muitas estratégias AAC, há vantagens e desvantagens nessa abordagem. Entre as potenciais vantagens está o forte apoio visual fornecido nessa estratégia e o fato de que a demonstração (i.e., o estímulo associado com o professor demonstrando o sinal apropriado) de um certo sinal pode permanecer como parte do ambiente visual da criança por bem mais tempo do que o som de uma única palavra falada. Por outro lado, ensinar crianças a fazer sinais geralmente envolve primeiro ensiná-las a imitar os movimentos de mão apropriados. Para algumas crianças, tais habilidades imitativas são adquiridas muito lentamente. Para aquelas crianças que adquirem essas novas habilidades, há frequentemente um prolongado período de tempo para aquisição de habilidades de comunicação funcionais. Outra desvantagem potencial é o entendimento limitado de linguagem de sinais pela

população em geral. Quando alguém entra em um restaurante de fast-food, por exemplo, e tem apenas o repertório de sinais, um intérprete é necessário (o que pode limitar a independência final) ou o atendente precisa entender linguagem de sinais. (LOVAAS ET AL., 2003, p. 694).²

O atraso da linguagem pode causar danos cognitivos e de desenvolvimento global, então, se um autista não-verbal consegue adquirir e desenvolver uma língua – ainda que ela não seja de conhecimento geral das pessoas que estão a seu redor – eles podem melhorar seu desenvolvimento e não serem totalmente privados linguisticamente. Isso já é um ganho gigantesco e precisa ser considerado.

A clínica Terapia ABA, em Porto Alegre – RS, tem introduzido língua de sinais em terapias com crianças autistas não verbais. Segundo relato encontrado no site da clínica, de 2015, os terapeutas dizem que as línguas de sinais são uma alternativa, pois são mais fáceis de serem ensinadas do que as línguas orais, uma vez que a criança pode ser direcionada a produzir os sinais por meio do contato físico com o professor, que consegue direcionar e movimentar as mãos do aluno, e isso não pode ser feito no ensino de uma língua oral. Em contato com profissionais da clínica por meio de uma de suas redes sociais, eles disseram que não têm um profissional com formação em Libras, mas que ensinam alguns sinais para algumas crianças para auxiliar na comunicação. Além disso, no site, destacam que essa população é extremamente visual, portanto, tem maior facilidade com estímulos visuais do que estímulos sonoros. Sendo assim, eles defendem que, assim como comunicações alternativas com troca por figuras, os sinais são uma ferramenta na comunicação com indivíduos não-verbais.

Neste estudo, falamos do ensino de língua de sinais para autistas não-verbais, mas entendemos essas línguas como parte da linguagem verbal. No entanto, acreditamos que, por se tratar de uma língua visuoespacial, essas crianças não-verbais podem receber melhor os estímulos visuais do que estímulos orais. Muitas pessoas acreditam que não terão evolução em sua linguagem verbal, mas as pesquisas citadas aqui mostram o oposto. A língua de sinais vem sendo uma facilitadora no desenvolvimento da criança, evitando que se frustre por não conseguir expressar seus desejos e sentimentos e em muitos casos a sinalização vai sendo substituída, de forma natural, conforme o repertório verbal da criança aumenta.

As pesquisas citadas pela clínica Terapia ABA são de um programa de um *Verbal Behavior Program* (Programa de Comportamento Verbal) apresentadas no site do Autism Daily Newscast (2017). Nesse programa os sinais são frequentemente usados para ensinar os alunos

² A língua de sinais aqui é denominada de linguagem de sinais simplesmente por uma questão de tradução. O livro originalmente é escrito em inglês e, nesta língua, não há distinção na palavra língua e linguagem. No entanto, entendemos as línguas de sinais como línguas por terem todos os pré-requisitos necessário para esse status, e não uma linguagem sem regras.

não-verbais no início. Gradualmente, os sinais são combinados com aproximações verbais, depois, palavras completas. Finalmente, quando a criança está pronta e usando as palavras com fluência, os sinais são gradualmente esmaecidos. Às vezes, as crianças perdem o uso dos sinais de forma independente. A ideia do programa é que a língua de sinais fornece uma dica visual para a criança, tornando mais fácil para ela lembrar a palavra que precisa dizer para solicitar ou rotular um item assim que começar a falar.

Isso acontece porque crianças com autismo tendem a ser aprendizes visuais e pesquisas indicam que a sugestão visual fornecida ao usar um sinal ajuda o indivíduo com autismo a recuperar a palavra necessária. Alix Strickland (2017), autor do artigo postado no site, diz que muitas famílias que tentam ensinar seus filhos não-verbais dentro do espectro autista por meio de imitação e repetição verbais ficam bem surpresos com o tremendo progresso que seus filhos fazem verbalmente quando usam os sinais. Inclusive ele traz o relato anônimo de um pai.

Eu estava muito hesitante em colocar a língua de sinais adaptada no meu filho, temendo que ele não desenvolvesse a fala verbal. Nosso maior objetivo para ele era que ele aprendesse a falar. Mal podíamos esperar para ouvir sua voz! Depois de vários meses tentando ensiná-lo a falar usando métodos mais tradicionais de repetição de sons e exercícios motores orais, concordamos em colocar um programa adaptado de língua de sinais para ele com um profissional da ABA VB. Ele começou a usar algumas palavras para pedir seus alimentos e brinquedos preferidos em apenas três meses e estamos muito felizes! Agora estamos avançando em seu programa e ensinando-o a usar combinações simples de verbos e substantivos. (STRICKLAND, 2017, tradução nossa).

Segundo Strickland (2017), crianças com autismo desenvolvem a linguagem tardiamente. Dos que chegam a verbalizar, muitos não conseguem fazer uso funcional da língua/linguagem e apenas fazem repetição dos sons de forma reflexiva, como um eco. Este fenômeno denomina-se ecolália. O conceito da ecolália inclui anormalidades comuns na fala, como o uso não convencional de palavras, tons de voz e articulações raras. Isso ocorre com cerca de 85% das crianças com autismo que desenvolvem a fala, considerando-se a população de crianças com autismo em geral. Para ajudar no desenvolvimento funcional da linguagem, muitas famílias e profissionais da linguagem, a fim de interagir com a criança, desenvolvem algum tipo de linguagem gestual com sinais simples, como de solicitações, identificação de itens do ambiente, por exemplo. Esse método tem se mostrado mais eficiente e, inclusive, em alguns casos, aos poucos os sinais são substituídos por palavras.

Conforme Perez (2016), crianças com TEA são todas diferentes. Da mesma forma, aprendem de maneiras distintas. No entanto, muitos são aprendizes visuais, por isso o uso da língua de sinais pode ser bem-sucedido, uma vez que a repetição do sinal no mesmo lugar visual

permite que a criança processe e compreenda o signo e seu significado - junto com a palavra falada - e armazene na memória de longo prazo. A ideia de usar a língua de sinais como primeira língua para um autista é na intenção de explorar habilidades que ele já possui e auxiliar na aquisição da língua majoritária, respeitando ambas as línguas e com o pensamento de que uma não exclui a outra, pelo contrário, a primeira dá base para adquirir a segunda.

Atualmente há três métodos de terapia e ensino com autistas. O primeiro deles é o ABA (Applied Behavior Analysis), ou seja, Análise do Comportamento Aplicada, que, segundo Moreira e Medeiros (2018), é uma ciência que se fundamenta em pesquisas básicas e aplicadas, e que tem por objeto de estudo o comportamento humano. Essa terapia trabalha no reforço dos comportamentos positivos e dura cerca de 20h semanais, sendo 4h diárias. Segundo o médico pediatra Setúbal (2018), a partir do momento que o aluno estiver familiarizado com o comportamento alvo, a solicitação é sistematicamente diminuída até que ele seja capaz de responder corretamente por conta própria. O objetivo é desenvolver a autonomia da criança, melhorando assim a qualidade de vida.

O Método TEACCH (Treatment and of Autistic and Related Communication Handicapped Children), em português significa Tratamento em Educação para Autista e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação, é uma metodologia de intervenção terapêutica educacional e clínica. Pires (2015) diz que o TEACCH é um trabalho de intervenção baseado na determinação de objetivos bem definidos e direcionados aos comportamentos que se pretende mudar, com a finalidade de exterminar ou diminuir comportamentos indesejáveis, reforçando positivamente.

Por último, há também o método Denver, criado em 1980, que foi até considerado como uma das melhores descobertas médicas no ano de 2012 pela revista Times. Conforme o site Neuro Conecta (2023), esse modelo utiliza princípios da ABA, sendo assim, os pais e terapeutas usam atividades lúdicas para reforçar os comportamentos positivos.

3.3 Estudos de caso

Várias terapias são feitas com alunos autistas e o que elas têm em comum é o reforço positivo e a presença constante de estímulos. Há também formas alternativas de comunicação que são usadas no intuito de alcançá-los e dar independência, especialmente aos menos funcionais no que tange à comunicação.

3.3.1 Sales e Antonio (2014)

Sales e Antonio (2014) realizaram um estudo de caso de 2013 a meados de 2014 com uma adolescente autista não-verbal na Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Guarujá (APAAG). O objetivo da pesquisa foi introduzir a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como forma de comunicação alternativa, visando ampliar suas habilidades comunicativas e promover uma maior interação social. As autoras relatam que a adolescente em questão foi encaminhada para o atendimento interdisciplinar principalmente porque estava muito agressiva. Ela já fazia alguns gestos caseiros que eram entendidos apenas no ambiente familiar.

Para introduzir a Libras como comunicação alternativa, as terapeutas realizaram uma análise funcional do caso, identificando os comportamentos problemáticos e suas possíveis funções. A família da adolescente também foi envolvida no processo, e a mãe recebeu atendimento individualizado para aprender a Libras, a fim de facilitar a comunicação em casa. Não há relato da frequência e do tempo de duração das intervenções com a autista.

Como resultado, após quase um ano e meio, Sales e Antonio (2014) relatam que houve uma ampliação da capacidade linguística da atendida, o que comprovou a eficiência da intervenção realizada. Os sinais caseiros que eram utilizados foram se extinguindo com a introdução da Libras. No entanto, para que ocorra a comunicação, ela precisa receber estímulos, porém houve a redução de dicas gestuais nesses contextos, o que ocorria de forma concomitante ao comando verbal da terapeuta. Foi observado também que, muitas vezes, a aprendizagem ocorria de forma imitativa.

Com o apoio da família que recebe atendimento individualizado (mãe está aprendendo Libras com uma das terapeutas), se fez necessário observar a forma de comunicação com a qual a atendida parece se identificar melhor e têm sido priorizadas as facilidades de sinais cotidianos que vem sendo introduzidos no contexto da mesma. Aconteceram intervenções paralelas ao ensino da Libras como comunicação alternativa, sendo estas: direcionamento da atenção para um contexto socialmente mais adequado, não dado função do responder inadequado, e aprendizagem de habilidades específicas de maneira gradual e a ampliação de interesses. Contudo, concluímos que tais intervenções só foram possíveis agregadas com referida aprendizagem ou mesmo após introdução da CA, pois esta nos forneceu também o desenvolvimento de habilidades anteriores como: compreender o significado, execução de ordens simples e complexas e o aumento da intensidade do contato visual. (SALES E ANTONIO, 2014, p. 9).

Dito isso, as autoras afirmam que tiveram evoluções significativas em relação às respostas agressivas da autista. Ela também parou de tirar a roupa durante os atendimentos e teve uma melhora na atenção concentrada e compartilhada. A capacidade de imitação foi

desenvolvida e ampliada, melhorou a interação social, ampliação de interesses, ademais do aumento positivo na capacidade de alternar, esperar e na tolerância à frustração e ao ser contrariada, ampliação da frequência da linguagem receptiva e expressiva (não-verbal e Libras), maior destreza na coordenação motora fina e – surpreendentemente – ela iniciou emissões verbais funcionais. Além disso, a aplicação de avaliações para medir o desenvolvimento cognitivo da adolescente foi possível após a introdução da Libras, o que antes não era viável. Isso demonstrou a eficácia do método de comunicação alternativa utilizado e seu impacto positivo no desenvolvimento geral da adolescente.

As autoras concluem dizendo que é preciso mostrar à família que essa comunicação, ainda que importante, precisa de ampliação para ser atendida e deve ser estimulada constantemente no meio familiar, pois esse ambiente desempenha um papel crucial no progresso da adolescente, uma vez que é o lugar onde ela passa a maior parte do tempo e interage com as pessoas que lhe são mais próximas. Portanto, a consistência e a frequência de estímulos no ambiente familiar são essenciais para a consolidação das habilidades comunicativas alternativas, além de promoverem maior aceitação e compreensão das necessidades e emoções da adolescente, nesse caso.

3.3.2 Scheuermann e Webber (2001)

Uma pesquisa, em 1970 (CARR, 1979; CREEDON, 1973; SCHAEFFER et al. 1980 in SCHEUERMANN; WEBBER, 2001) testou a inserção da língua de sinais na comunicação com autistas não verbais para estímulo do desenvolvimento da linguagem. Não há uma descrição detalhada de como aconteceu essa pesquisa e seus efeitos, mas o relato é de que o resultado foi positivo, uma vez que houve desenvolvimento da língua gestual, o que colabora com a inserção do autista em novo universo: com comunicação verbal possível, ainda que em outra modalidade de língua. Porém, os autores destacam que a comunicação total ³ foi mais efetiva que a língua de sinais (estruturada), uma vez que é possível usar diversas ferramentas para auxiliar na interação.

³ A metodologia de Comunicação Total aceita diversas formas de comunicação, com o objetivo apenas de conseguir transmitir a mensagem, seja por meio de uma língua com suas regras e seu sistema linguístico ou outros meios alternativos.

3.4 A importância de pensar a proposta do ensino de língua de sinais para os autistas

Temos indícios na bibliografia de que é possível auxiliar um autista no seu desenvolvimento cognitivo, linguístico e comunicacional por meio do reforço e de uma comunicação mais visual. Por isso, acreditamos que a aprendizagem da língua de sinais é muito benéfica.

Estudos neurocientíficos têm mostrado evidências de que a aprendizagem da língua de sinais pode promover alterações positivas no cérebro de autistas. Por exemplo, Kasari, Freeman, & Paparella (2006) em “Joint attention and symbolic play in young children with autism: A randomized controlled intervention study”, investigaram os efeitos da intervenção com língua de sinais em crianças com autismo, utilizando ressonância magnética funcional. Os resultados apontaram que a intervenção estava associada a mudanças na conectividade cerebral, sugerindo que a língua de sinais pode ser uma ferramenta poderosa para apoiar o desenvolvimento do cérebro dessas crianças.

Assim, ao reforçar a comunicação visual, proporciona-se uma forma de expressão mais acessível, o que pode contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo e a interação social de autistas.

4 METODOLOGIA

Este trabalho visa analisar, qualitativamente, as consequências do aprendizado de uma língua de sinais. Para isso, foi feito um minicurso de Libras com crianças autistas e questionários para pais de autistas e surdos professores de Libras que tiveram alunos no espectro. O intuito dessa escolha metodológica é entender melhor como é a comunicação de autistas, especialmente não verbais, bem como ver como é a aceitação e um possível desenvolvimento de uma língua visual. Assim, a presente seção irá detalhar a estratégia adotada para a realização do trabalho, bem como os métodos, técnicas e instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

4.1 Introdução

Por se tratar de uma pesquisa realizada com seres humanos, para o seu desenvolvimento foi solicitada autorização para o Comitê de Ética em Pesquisa – COEP. Este trabalho integra um conjunto de pesquisas desenvolvidas sob a orientação da pesquisadora Elidéa Bernardino, cujo projeto-base foi registrado no Conselho de Ética em Pesquisa (CEP/UFMG) na Plataforma Brasil sob registro CAAE: 40666620.7.0000.5149. Os participantes e/ou responsáveis deram a autorização por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido.

4.2 Método e tipo de pesquisa

Este trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, pois considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Quanto aos objetivos, adquire um caráter interpretativo-descritivo, no qual os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem nenhum tipo de manipulação por parte da pesquisadora.

O estudo de casos por meio de minicursos de Libras foi selecionado como a estratégia de pesquisa mais adequada para o desenvolvimento deste estudo. Essa escolha decorreu da necessidade de uma análise aprofundada e detalhada do objeto de estudo em seu contexto real. De acordo com Robert K. Yin (2001), especialista sobre estudo de caso, a metodologia “[...] é uma pesquisa empírica, que investiga fenômenos contemporâneos dentro de contextos da vida real.”

A ideia inicial era fazer um estudo de caso com um único autista por um período de tempo mais longo, afinal entendemos a importância da rotina e da repetição para o aprendizado, principalmente no caso dos autistas. Porém, ocorreram imprevistos que impediram encaixar essas aulas na rotina do participante. Houve outras tentativas com possíveis participantes, mas nenhuma foi conclusiva.

Além disso, os questionários também foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados, possibilitando uma visão mais abrangente do fenômeno em análise. Visando aprimorar a eficácia e a validade dos questionários, torna-se imprescindível considerar cuidadosamente os agrupamentos de perguntas, bem como a organização e a formulação delas. O processo de elaboração de questionários é complexo, exigindo atenção na seleção das perguntas, dado que suas respostas devem refletir validade e consistência para proporcionar informações pertinentes à pesquisa em questão.

Assim, o minicurso foi preparado com uma série de atividades relacionadas à linguagem para avaliar a interação e a capacidade comunicativa da criança, bem como uma introdução à Libras. Já os formulários visam entender melhor o histórico comunicativo e expandir para outros contextos de socialização, como casa e escola, por exemplo, bem como ver essa aceitação e desenvolvimento da língua de sinais sob a perspectiva de um surdo - falante que adquire a sinalização de forma natural.

O intuito é, portanto, observar o quanto o aprendizado de uma língua de sinais pode auxiliar ou não no desenvolvimento linguístico e cognitivo, além de aprimorar a percepção visual ou até mesmo ampliá-la. Ademais, no caso de autistas, especialmente não-verbais, verificar se ela pode ajudar na comunicação da criança e, inclusive, na socialização e aprendizado do português. O estudo foi feito com voluntários, observando os parâmetros de ética na pesquisa. Todas as interações foram gravadas para serem descritas e reavaliadas.

Além do mais, esta pesquisa preza por assegurar a Libras como língua, bem como sua importância no contexto educacional e no desenvolvimento linguístico de ouvintes.

4.3 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos utilizados foram dois questionários e um mini curso que serão descritos aqui.

4.3.1 Questionários

Foram criados dois questionários a fim de obter informações de um público mais amplo, uma vez que formulário online tem maior alcance. Eles foram criados pela plataforma do Google e armazenados no Google Drive. A divulgação foi feita por meio de redes sociais.

O primeiro formulário (ANEXO B) foi elaborado para pais de autistas. As perguntas visam entender melhor como é a rotina dessa autista, sua linguagem, as interações sociais e as formas de comunicação utilizadas com eles. Respeitando os parâmetros de ética de pesquisa, todos os participantes tiveram acesso e concordaram com o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

O formulário é composto por 3 seções. Na primeira, encontra-se o TCLE. A partir do aceite do termo de compromisso, o participante tem acesso à seção 2, que é composta por 11 perguntas e tem um campo opcional de preenchimento de nome e telefone. A seção 3 é um agradecimento pela participação na pesquisa. Há no início do questionário uma explicação no que consiste o formulário e qual sua finalidade.

As perguntas começam de forma mais geral, a fim de saber quantos filhos eles têm, se os filhos são autistas verbais ou não e se a comunicação é funcional. Posteriormente, é questionado sobre a situação comunicacional do autista em casa, na sociedade e qual a situação na escola. Além disso, é perguntado sobre formas alternativas de comunicação e outros problemas que os pais encontram na rotina. Tudo isso é visando entender como funciona a comunicação com autistas dentro de casa bem como o desenvolvimento linguístico da criança de forma geral.

O segundo formulário (ANEXO C) foi criado para surdos professores de Libras que já deram aulas para autistas. O objetivo era entender e conhecer as metodologias utilizadas, ter um *feedback* de como foi o aprendizado desse aluno autista bem como ter a perspectiva de um surdo acerca da temática da pesquisa.

Este formulário também é composto por 3 seções. Na primeira, encontra-se o TCLE e, novamente, a partir do aceite do termo de compromisso, o participante tem acesso à seção 2, que é composta por 10 perguntas e tem um campo opcional de preenchimento de nome e telefone. A seção 3 é um agradecimento pela participação na pesquisa. Como no outro, há no questionário uma explicação no que consiste o formulário e qual sua finalidade. As perguntas começam de forma geral, verificando a experiência dos professores com alunos autistas e sobre

1ª atividade: Livro Piccolo e Nuvola

Figura 4 – Livro “Piccolo e Nuvola”



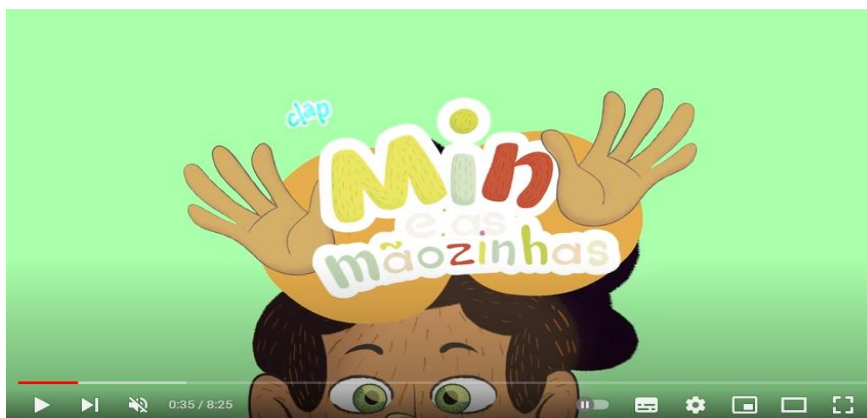
Fonte: AMAZON, 2023.

Esse é um livro que conta uma história apenas com imagens e tem no total 32 páginas. O passarinho Piccolo e a Nuvola estão brincando e, com isso, perdem-se de seus amigos. Ao ir procurá-los, vão andando sobre o oceano e sobre a cidade e observando pontos com nuvens brancas (em meio à natureza) e nuvens pretas (na cidade, vulcões, navios). As cores predominantes em todo o livro são as presentes na capa.

A proposta de usar o livro é ter uma ideia do que o aluno consegue absorver, o que chama sua atenção e se consegue desenvolver algo a partir disso em uma linguagem não-verbal. O livro foi folheado e a pesquisadora foi fazendo alguns comentários a fim de interagir com os alunos e, posteriormente, solicitou que os alunos fizessem um desenho sobre a história do livro.

2ª atividade: Vídeos - Min e as mãozinhas

Figura 5 - Vídeo Min e as mãozinhas



Fonte: YouTube, 2023.

Min e as mãozinhas é um canal no YouTube de uma animação infantil toda em Libras. Yasmin (Min), a personagem, é uma menina surda que comunica com os animais que vivem perto dela através da língua de sinais. Porém, como cada animal fala sua própria língua, ela ensina a Libras pra eles, sendo assim possível quem assiste aos episódios aprender também. O primeiro vídeo do canal é datado de 26 de setembro de 2018, então é muito recente e a diagramação é bem atual, com cores bem vibrantes, tem sonoplastia e algumas palavras – especialmente onomatopeias – fazem-se presentes.

Foram selecionados dois episódios⁴ para o mini curso. O primeiro é o episódio 1, em que Min e seu amigo esquilo tentam encontrar os donos de duas pegadas perto da casa na árvore de Min. Nessa busca, eles interagem com alguns animais e salvam um gato que estava em cima de uma árvore. Os sinais que aparecem no episódio são: “bom dia”, “oi”, “esquilo”, “entendi”, “elefante”, “sapo”, “gato”, “nome” e “boa noite”.

⁴ Link para o episódio 1: <https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo>
Link para o episódio 4: <https://www.youtube.com/watch?v=IFGtxNYiGAc>

Figura 6 - Esquilo sinalizando “oi”



Fonte: YouTube, 2023.

A figura 6 é um recorte do primeiro episódio. Essa parte é muito interessante porque o esquilo já sabe que a Min é surda e, como eles são amigos, ele já conhece alguns sinais. Quando o elefante se aproxima, ele tenta falar com a Min fazendo seu barulho com a tromba (ou poderíamos dizer que em “elefantês”), mas o esquilo explica que com ela tem que falar de uma forma diferente, então ele ensina a sinalização do “oi”. Essa é uma ótima oportunidade para explicar para as crianças que pessoas diferentes têm necessidades diferentes e que há várias formas de falar.

O intuito de usar esse vídeo é para introduzir a língua de sinais de uma forma lúdica e mostrar para as crianças que há diferentes formas de se comunicar, tanto no que diz respeito a linguagem (verbal e não verbal) quanto no que tange a línguas (de sinais ou orais diversas). A maior parte do vídeo é na linguagem não verbal, então não exige a interpretação do texto por meio da oralização, e quando há a inserção da verbalização é por meio da língua de sinais (que não deixa de ser verbal por ser uma língua visual) ou onomatopeias.

O segundo vídeo é o episódio 4, denominado “Cores sumiram”. Nesse, uma parte da floresta onde Min mora fica sem cor, a natureza fica branca, e ela com seus amigos animais vão pintar as coisas e, ao mesmo tempo, vão ensinando as cores. Os sinais que aparecem no vídeo são “bom dia”, “susto”, “desculpa”, “oi”, “tudo bem”, “branco”, “azul”, “verde”, “marrom”, “amarelo”, “vermelho”, “palmas/parabéns”, “obrigado” e “boa noite”.

Figura 7 - O sumiço das cores



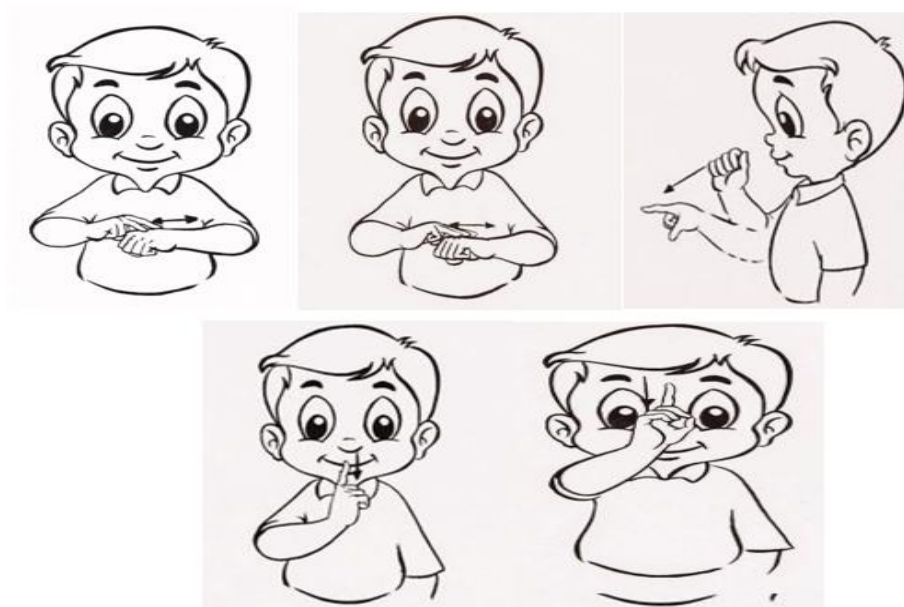
Fonte: YouTube, 2023.

Durante a reprodução do episódio, a pesquisadora fez alguns comentários e apontamentos para chamar a atenção dos alunos ao que estava aparecendo e principalmente à sinalização. Foi explicado para as crianças que é possível falar também por meio das mãos e, pessoas que não escutam, como Min, comunicam-se assim.

3ª atividade: Atividades para colorir com os sinais das cores

Após o vídeo, foi apresentado aos alunos o sinal das cores que apareceram ao longo do vídeo. Depois, eles receberam folhas com os sinais e a instrução foi que colorissem da cor sinalizada no desenho. A interpretação do desenho do sinal foi feita com auxílio da sinalização da pesquisadora.

Figura 8 - Sinais para colorir



Fonte: Atividade criada para pesquisa com imagem de Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), 2023.

4ª atividade: Jogo com os sinais das cores

Figura 9 – Jogo: Perseguição em labirinto - Cores em Libras



Fonte: WordWall, 2023.

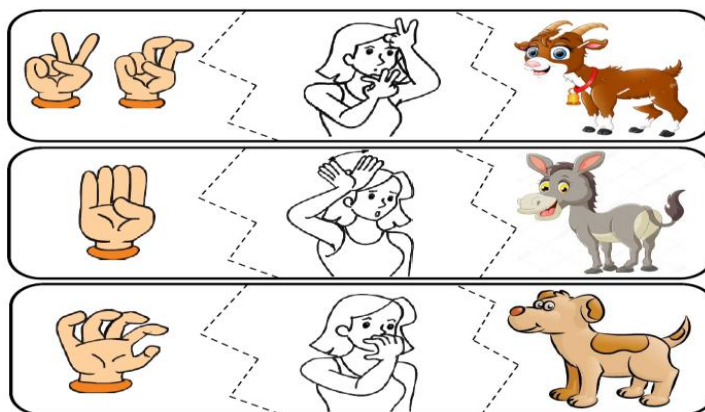
O jogo “Perseguição em labirinto - Cores em Libras”⁵ é um jogo online em que o jogador está em um labirinto e precisa andar com o astronauta até a casa em que há a sinalização da cor solicitada na rodada sem ser pego pelos monstros que andam pelo labirinto. Em

⁵ Link para o jogo: <https://wordwall.net/pt/resource/32860673/communications/cores-em-libras>

algumas rodadas o boneco sinalizador veste a camisa da cor sinalizada e em outras não, e isso acontece de forma aleatória durante as rodadas. Ele foi criado pela professora Daieli. Não há descrição por parte da desenvolvedora acerca dos objetivos e da elaboração do jogo, no entanto, esse é um site que apresenta várias ferramentas para que qualquer usuário do site possa criar um jogo de formas diferentes.

5ª atividade: Fichas de animais

Figura 10 – Fichas nomes de animais em Libras



Fonte: THE CUSTED BLOG, 2023.

Esse jogo de fichas (apresentado na íntegra no ANEXO D) é, na verdade, um quebra cabeça, em que se encaixa a configuração de mão, o sinal e a imagem correspondente. No entanto, foi usado inicialmente apenas como uma ficha para ajudar a associar as informações. O jogo é composto por 15 fichas de 15 animais diferentes, mas inicialmente foram usados apenas os que apareceram no vídeo da Min e alguns mais comuns.

6ª atividade: Uno Libras

Figura 11 – Uno Libras



Fonte: THE CUSTED BLOG, 2023.

O jogo Uno Libras funciona da mesma forma que o Uno tradicional, a diferença é que na carta o número é sinalizado. Cada participante recebe 7 cartas e o restante fica no monte. Vira-se uma carta do monte e a, a partir de uma ordem combinada, cada participante poderá descartar uma carta no monte, tendo o mesmo número ou mesma cor da carta que consta no monte. Se ele não tiver uma carta que possa jogar, deverá comprar uma do monte. Além disso, existem as cartas especiais que podem fazer o próximo jogador comprar mais cartas, mudar a cor, inverter a ordem ou pular o próximo. Ganha quem acabar com as cartas da mão primeiro, sendo que, quando faltar uma carta, o jogador deve falar “uno”.

Este jogo foi programado para caso rendesse muito a aula ou fosse mais funcional que alguma outra atividade que estivesse sendo utilizada, a depender da recepção do aluno e o desenrolar da aula. Um ponto interessante é que a cor das cartas está entre as que foram trabalhadas no vocabulário do vídeo da Min e as mãozinhas.

A escolha das atividades foi visando uma variação de estímulos, valorizando a linguagem não-verbal e introduzindo a Libras da forma mais lúdica e atrativa possível. Antes da escolha do que seria trabalhado, a pesquisadora conversou com as mães para conhecer mais dos interesses dos alunos bem como entender o tipo de atividade que seria viável ou não para eles realizarem. Tudo isso foi pensado uma vez que os autistas são um público muito

heterogêneo, pois ainda que sejam agrupados em nível 1, 2 e 3 por terem características em comum, cada indivíduo tem suas características mais marcantes e age de forma diferente. Sendo assim, é preciso fazer com que a mensagem chegue a todos eles, mesmo que eles a entendam de formas diferentes. Além disso, os participantes eram todas crianças, mas de idades diferentes, o que faz também variar os interesses.

5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

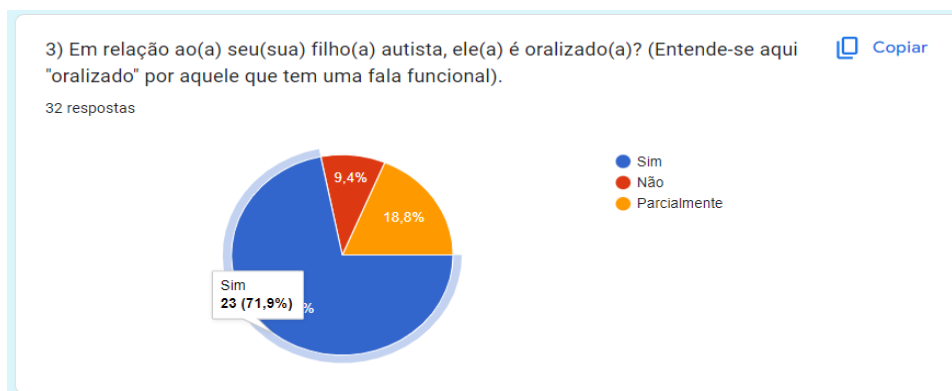
5.1 Dados obtidos nos questionários

Nesta seção apresentaremos os resultados dos dois questionários com as reflexões possíveis a partir dos resultados obtidos. Importante ressaltar que eles ficaram abertos para receber respostas por um período de 3 semanas com divulgação intensiva.

5.1.1 Questionário para pais de autistas

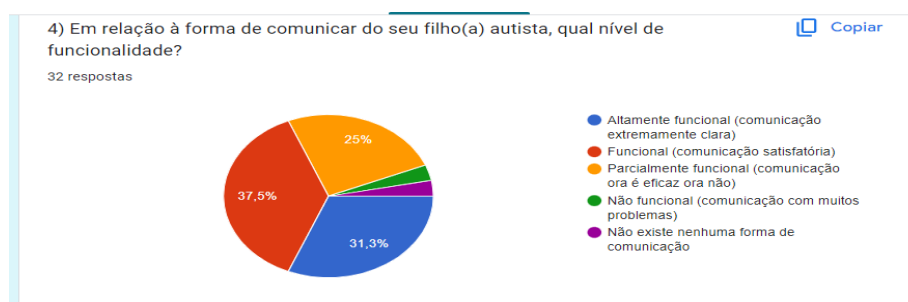
Neste questionário obtivemos 32 respostas. Nem todos os pais que responderam têm filhos autistas não-verbais, mas em conversa com alguns deles, ainda os verbais, tiveram atraso na aquisição de linguagem e têm alguns problemas de comunicação presentes na rotina. A maior parte dos pais têm 2 filhos (56,3%), 21,9% têm só um filho, 15,6% têm 3 filhos e apenas 6,2% têm 4 filhos ou mais. Desses, apenas 2 têm 2 filhos autistas e os outros têm apenas 1.

Figura 12 - Gráfico de respostas da pergunta 3 do formulário para pais de autistas



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 13 - Gráfico de respostas da pergunta 4 do formulário para pais de autistas



Fonte: Próprio autor, 2023.

Como visto nos gráficos acima, grande parte dos participantes consideram que seus filhos têm comunicação funcional. Em conversa com alguns deles, os filhos adquiriram linguagem tardiamente e ainda apresentam algumas dificuldades pontuais.

Figura 14 - Respostas da pergunta 5 do formulário para pais de autistas

5) Como funciona a comunicação dentro de casa? Se possível, dê alguns exemplos.

32 respostas

Tranquila. Ele compreende bem os comandos e entende suas necessidades.
ele fala somente algumas palavras ou faz sons sugestivos
Ela sabe pedir,e expressar,mas tem coisas que ainda é difícil,tipo dar continuidade a diálogo,se for longo ela se enrola...a mais velha não teve atraso na fala,sempre CV direitinho...
Com respostas simples. Sem complexidade na expressão.
Boa comunicação, porém ele se desregula, quando tem alguma frustração
Comandos simples
Boa
ELE JA PEDE O QUE QUER, TROCA SILABAS E LETRAS AINDA MAIS JA SE ENTENDE O QUE ELE QUER DIZER.
O mais difícil é a busca pela atenção e tirar as distrações. Procuramos sempre ficar em frente a ele e reformular perguntas e respostas até que ele consiga dar andamento ao que precisa ser entendido.
Ele emite alguns sons pra chamar a atenção, pega na na nossa mão e nos conduz até o objeto que ele deseja, busca coisas e nos dá quando precisa de ajuda como, controle da TV, banana pra ajudar a descascar, pacote de biscoito para abrir, traz o copo para colocarmos suco ou água (são copos diferentes).
Tranquila. Ele compreende bem os comandos e entende suas necessidades.
ele fala somente algumas palavras ou faz sons sugestivos
Ela sabe pedir,e expressar,mas tem coisas que ainda é difícil,tipo dar continuidade a diálogo,se for longo ela se enrola...a mais velha não teve atraso na fala,sempre CV direitinho...
Com respostas simples. Sem complexidade na expressão.
Boa comunicação, porém ele se desregula, quando tem alguma frustração

Sempre foi muito falante, inteligentíssimo, argumenta muito bem, raciocínio lógico sempre desde muito pequenininho acima da média. Aos 3 anos ninguém ganhava dele no jogo da velha. Estrategista. Hoje ainda continua. Aprendeu a jogar xadrez, montar cubo mágico. Gosta de desafios.

Explico as dúvidas de forma a tornar tudo concreto pra que ele compreenda o significado.

Quando ele quer assistir televisão, ele consegue dizer de forma clara " eu quero assistir Televisão". Ou quando ele quer comer alguma coisa exemplo leite ele fala " eu quero leite ou " me dá todinho ". E quando não quer ele fala "eu não quero isso".

Normalmente não é muito de conversar, responde com poucas palavras quando é perguntado

Gestos e palavras

Normal. Ele se comunica com todos.

Meu filho não falava nada até completar 3 anos, com muitas terapias graças a Deus após os 3 anos teve um salto muito grande e começou a comunicação com todos. Hoje já entendemos tudo que ele fala e diz com clareza

É boa, mas ele é bastante repetitivo e muitas vezes não consegue expressar seus pensamentos e ideias em palavras.

Depende do que ele quer descrever, as vezes entendemos claramente outras não.

Comunicação muito restrita nao é muito de dialogar, é mais restrito

Comunicação objetiva e as vezes necessita de ser repetida por motivo da criança possuir TDAH também.

Comunicação oral, gestos, aplicativo matraquinha...

Por meio de falas como modelo e por meio de imagens.

Ele tem preferência por um mesmo assunto.

Se expressa de forma com que se entende, aponta , pega e da pra gente o q quer, fala algumas palavras as vezes de forma não funcional

Cacá começou a falar esse ano, aos 4 anos. Ainda com dificuldade .. gagueja bastante .. o que não entendemos, ela gesticula.

Conversa normal de dia a dia

Ele sabe pedir ajuda, compreende comandos básicos, mas nem sempre segue.

Não tenho problemas relacionados a comunicação. Ele se expressa bem. Só demonstra dificuldade para falar sobre sentimentos.

Tudo deve ser dito de forma clara, por causa da literalidade

Bom, tenho duas crianças no espectro autista. Um tem fala funcional e o outro não se comunica verbalmente, somente através de choro ou empurrando.

Miguel começou a se comunicar verbalmente com 3 anos e meio, hoje ele tem 6. Ele faz 12 horas de terapia semanais, desta forma a fala se desenvolveu com contribuição dos atendimentos. Ele fala muito bem, mas foi uma longa caminhada e dedicação total.

Fonte: Próprio autor, 2023.

A partir dessas respostas, podemos elencar que as maiores dificuldades são a concentração e falar sobre coisas subjetivas/abstratas. É possível afirmar também que a maior parte deles é bem gestual, então a linguagem não-verbal é de suma importância nesse contexto,

portanto estímulos visuais devem se fazer presentes. Além disso, pode-se perceber que praticamente todos os pais relatam problemas diversos na comunicação.

Pensando nisso, a Libras talvez poderia facilitar a questão de uma comunicação mais fluida e alcançar questões subjetivas/abstratas. No entanto, coloca-se outro ponto que a família deveria também aprender a língua e usá-la dentro de casa, o que exigiria uma reestruturação da casa e da forma de comunicação da família, o que não é tão simples. Pais ouvintes que têm filhos surdos passam por essa dificuldade, por exemplo. Devemos lembrar que o objetivo não é substituir o português pela língua de sinais, mas que esta última seja usada como ferramenta no desenvolvimento global da comunicação e posteriormente até como um auxílio para uma possível aquisição da língua oral.

Pensar em formas alternativas para colaborar com os autistas faz-se necessário especialmente pensando em casos como o da mãe que relata que um dos filhos (não verbal) comunica-se apenas através de choro ou empurrão. Essa é uma situação que precisa ser mudada especialmente visando a autonomia da criança, além de que atrapalha também em interações sociais fora do contexto familiar, quando as pessoas nem sempre são compreensivas. Em nosso repertório, trouxemos outros relatos que corroboram para essa argumentação, pois muitas vezes a falta de comunicação/compreensão pode gerar agressividade e impaciência.

Não conseguir se expressar coloca a pessoa em uma situação muito desconfortável. Vale lembrar o relato no livro de Federico Rosa (2016) em que a personagem conta que autistas sofrem por não conseguirem ser compreendidos e essa falta de comunicação constrói uma ponte entre eles e a sociedade. Isso é um dos motivos que coloca pessoas com TEA, muitas vezes, às margens da sociedade⁶.

⁶ Entende-se aqui por “às margens da sociedade” como discriminados e ignorados.

Figura 15 - Respostas da pergunta 6 do formulário para pais de autistas

6) Em relação à convivência familiar, quais as principais dificuldades encontradas na rotina com o autista?

32 respostas

Alimentação: não come nada além de leite, Miojo e bolinho Bauduco
Rigidez de comportamento, falas inapropriadas, dificuldade de mudar de atividade, hiperfoco em letras
As vezes ele não responde, mas escutou a pergunta. É simplesmente porque não quer responder. Isso dificulta o aprendizado dele.
O maior desafio é a falta de regulação emocional. Pode se estressar e ficar agressivo verbalmente quando algo o desagrada.
Tudo deve ser dito de forma clara, o isolamento no quarto. O foco no seu interesse não dá abertura outras possibilidades
Saber o que ele quer, tentar fazer com que ele se concentre em algo.
Tem dificuldades com barulhos, trocas de programações e entrada de pessoas diferentes na rotina.
Meu filho tem dez anos e é muito doce, não é difícil lidar com ele, mas o que mais incomoda é sua ansiedade e padrões de repetição
Mudança de rotina
nao é muito de dialogar, gosta de ficar somente isolado, nao gosta de ir almoçar em restaurante, nao gosta de ir ao cinema , nao gosta de assistir uma serie, nao gosta do barulho da maquina de lavar, nao gosta de ouvir musica alta, muita dificuldade de sair do banheiro para o banho que gera em torno de 2 horas e meias todos os dia pela parte da manha e pela noite
Lidar com as frustrações e processo de mudança de rotina.
As principais dificuldades são relacionadas ao transtorno do processamento sensorial, que no meu filho é muito acentuado.
Teoria da mente e comunicação funcional.
Amadurecimento emocional diferente dos demais jovens.
O excesso imaginativo e falta de realidade. Além da excitação com ações que mudam sua rotina e o desregula
O tempo dele é diferente do resto do mundo rsrs.... Trocar uma fralda, colocar uma roupa, chamar para o banho, conseguir isso, quase sempre demanda muito tempo e muuuuinnnta paciência, ter que se movimentar de um lugar para outro com uma certa rapidez pode ser um problema, exemplo, atravessar uma avenida, fazer com que ele dê a mão normalmente é um problema, conduzir mais rapidamente atravessando por causa do sinal costuma ser problema, ele grita, empaca e agarra minhas pernas querendo um abraço pra se regular.... Complicadíssimo fazer isso atravessando a Afonso Pena ou a Cristiano Machado.... Muitas vezes, eu e o pai temos que carregá-lo e depois ficar um tempo pra regulá-lo.
Rigidez/Inflexibilidade
no geral nao tenho muita dificuldade, e quando temho consigo resolver com facilidade.
A mais velha não gosta de CV com maioria dos familiares,a mais nova ama
Comunicação

Rigidez/Inflexibilidade
no geral nao tenho muita dificuldade, e quando temho consigo resolver com facilidade.
A mais velha não gosta de CV com maioria dos familiares,a mais nova ama
Comunicação
Temos uma rotina clara, então é tranquilo , sempre nos antecedemos a mudança de rotina
Dificuldade da família entender as dificuldades do autista, que não é preguiça e manha
Alimentação
ROTINA DE HIGIENE COMO ESCOVAR O DENTE, TROCAR FRALDA, TOMAR BANHO. USO DE CALÇADOS EM ALGUNS MOMENTOS NAO QUER NEM POR NADA COLOCAR CALÇADO. NAO ATENDE QDO É CHAMADO. NAO TEM NOÇÃO DE PERIGO É A MAIS GRAVE NO MEU PONTO DE VISTA PORQUE, NAO PODE FICAR SOZINHO E AS VEZES MESMO ESTANDO NO MESMO AMBIENTE O RISCO DE ESTA PRESENTE..

Fonte: Próprio autor, 2023.

Como podemos ver, há muita variabilidade dentro do espectro. No geral, algumas características bem marcantes aparecem como dificultadores na rotina. Uma das coisas que chama muita atenção é a questão da alimentação. A terapeuta ocupacional, Fernanda Monteiro, em seu artigo “A seletividade alimentar e o autismo” (2018) diz que a seletividade alimentar é comum em pessoas com TEA e pode ser explicada devido à interferência direta de estímulos sensoriais, pois comer é uma experiência altamente sensorial. Assim, crianças com TEA podem exibir comportamentos restritivos, seletivos e ritualísticos que afetam seus hábitos alimentares, levando à recusa e desinteresse por alimentos. Além da sensibilidade sensorial, o texto explora outros fatores que contribuem para a seletividade alimentar em pessoas com autismo, como atrasos nas habilidades motoras orais, padrões comportamentais restritos e problemas gastrointestinais. Por fim, a terapeuta ressalta a importância de abordagens sensíveis, criativas e pacientes para enfrentar essas dificuldades, envolvendo tanto profissionais especializados quanto a família.

Ademais, a questão da manutenção de uma rotina é extremamente importante. Cancellia (2019) diz que

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V de 2013: TEA-299, é) abordado no item B.2, que, a pessoa com TEA, manifesta uma obstinação nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas, apresenta um comportamento peculiar de sempre realizar as coisas de um mesmo modo. Assim como as outras crianças precisam de uma rotina, a criança com TEA necessita desse olhar cuidadoso, pois a rotina confere a ela uma organização e garante segurança e proteção; e quando algo sai da rotina, é como se ela perdesse o controle da situação, sentindo-se insegura, podendo acarretar até mesmo uma crise.

Essas questões de crises são inclusive mencionadas pelos pais em alguns momentos e por motivos diversos, como podemos perceber. Podemos citar também que a rotina é importante para o aprendizado pela questão da repetição. A criança autista precisa do reforço para a fixação do que é ensinado - até mais que as neurotípicas.

Figura 16 - Respostas da pergunta 7 do formulário para pais de autistas

7) Em relação à convivência em sociedade, quais as principais dificuldades encontradas com seu(sua) filho(a) autista?

32 respostas

Comunicação ... está gaguejando muito

Comportamento frente aos pares

Ele não socializa muito, então fica isolado as vezes. Está melhorando a comunicação, mas se isola quando não interessa o que os outros estão fazendo.

Tem muitas dificuldades nos relacionamentos com os amigos. Não é muito aceito nos grupos. Não tem facilidade em aprofundar laços.

Pelo fato de não ter deficiência intelectual, expressar bem, algumas atitudes são vistas como malandragem, preguiça, falta de respeito etc

Fazer com que a sociedade compreenda as diferenças e aceite sem ficar criticando.

Ele não tem uma boa relação com adultos fora da convivência.

Difícil relacionamento interpessoal por não acompanhar muito o que crianças de sua idade fazem, como

Difícil relacionamento interpessoal por não acompanhar muito o que crianças de sua idade fazem, como conversam

Muitas vezes a empatia do outro.

Se irrita fácil com as pessoas, palavras dele não gosta de viver em sociedade preferi ficar sozinho

Lidar com pessoas/ crianças com atitudes discriminatórias ou que fazem brincadeira que não são compreendidas como verdade ou brincadeira.

Habilidades sociais

Comportamentais e de comunicação.

Amadurecimento emocional diferente dos demais jovens.

A falta de interação e interesses restritos

Antes até os 12 anos tinha dificuldade em manter amizades. Hoje com 17 já tem um grupo de amigos, convive bem. Em algumas situações apresenta crise de ansiedade (apresentações na escola por exemplo), mas não é sempre.

Dificuldade de socialização. Interesses restritos em assuntos

Se for pessoas desconhecida ele não se aproxima, mas se for pessoas que ele tenha costume ele convive bem.

Só interage com conhecidos, e não disfarça contrariedades.

Resistência ao Não

Barulho

Meu filho é forte, e o maior da sala, ele fala dos colegas que pedem ele pra bater em outro coleguinha porque é "forte", ele acha o máximo, mas estamos conversando muito com ele pra isso parar.

Permanecer em uma mesma atividade e manter contato com as pessoas. Por excesso de agitação ele não consegue por vezes manter dentro de uma atividade e dividir atenção com os demais.

Normalmente não interage com quem o chama, todo mundo quer conversar com ele e perguntar QQ coisa, nome, se quer alguma coisa, se gosta de algo.... É a hora que eu entro e falo que ele não fala... Aí as pessoas perguntam se ele escuta... Aí eu explico. As vezes, do nada, do nada mesmo, começa a gritar alto e infelizmente não há nenhum tipo de negociação, nessa hora é praticamente impossível conversar algo com ele, explicar alguma coisa ou perguntar o que aconteceu... Normalmente estamos no meio do jantar em um restaurante ou praça de alimentação ofu lanchonete e as vezes sai correndo ou andando e chorando ou deita no chão, é extremamente frustrante para os pais nessa hora pq vc não consegue ter nenhum tipo de controle sobre seu próprio filho, sempre há um enorme desconforto nas pessoas ao redor, normalmente um de nós interrompe a refeição e tenta levá-lo pra outro lugar. Pais de autistas estão sempre tensos, é como passear com uma bomba relógio c, vc nunca sabe quando vai acontecer algo. Sempre temos que sair de casa com um arsenal de coisas que possam ajudar nesse momento.

Quando fixa em algum objeto em ambientes sociais demanda no seu tempo. Rígido para esperar e aceitar "nao".

"nao".

nao gosta de lugares com muitas pessoas , barulho alto , muitas luzes, passeios demorados e esperar muito tempo em fila .

A mais velha não gosta de ficar perto de pessoas,a mais nova ama,a mais velha não consegue fazer amizade,a mais nova ama.

Comunicação

Baixa frustração quando não compreendido

Socializar com pessoas desconhecidas, manter diálogo, observar ambiente e se adequar a ele.

Interação

EM AMBIENTES NOVOS FICA MUITO AGITADO, PELA CARGA DE ESTIMULO, NAO FICA PARADO UM MINUTO.IR EM UM RESTAURANTE É UMA MARATONA.

Fonte: Próprio autor, 2023.

Problemas relacionados à socialização talvez seja uma das características mais difundidas acerca dos indivíduos dentro do espectro. Porém, no grupo pesquisado, houve muita variabilidade quanto a isso. Tivemos relatos de autistas bem sociáveis e outros com problemas

de interação. No entanto, como muitos apresentam dificuldade de expressar certos sentimentos ou não sabem lidar com uma negação, por exemplo, isso cria problemas.

É difícil estabelecer até que ponto o autista tem problemas de comunicação por conta do espectro e até que ponto uma terapia diferente pode ajudá-lo a desenvolver melhor essas questões e reduzir esses problemas. Por isso, tentativas de comunicação alternativas são sempre válidas, mas precisam ser inseridas com paciência e constância na rotina.

Amato e Fernandes (2010) fizeram um estudo com 20 crianças autistas – sendo 10 verbais e 10 não verbais - a fim de verificar a funcionalidade da comunicação delas. As crianças foram filmadas durante 30 minutos em conversas espontâneas com as respectivas mães. As autoras observaram que há muita diferença entre os verbais e não verbais quanto ao número de atos comunicativos produzidos por minuto, no entanto, ambos grupos fazem grande uso do meio gestual para se comunicarem. Com isso, elas afirmam que os dados encontrados apontam que, em ambos os casos, há muita dificuldade da criança autista em interagir com o outro. Resultado esse que também foi encontrado em nosso questionário. Por essa gestualidade ser tão presente nos autistas ainda que verbais, os dados e resultados relacionados a eles são muito importantes para este estudo.

Outro ponto relevante e que foi citado mais uma vez é que, muitas vezes, o comportamento muda e pode ficar agressivo ou impaciente quando não é compreendido. Essa é mais uma prova do quanto a comunicação é essencial para a interação e o quanto problemas com ela podem ser prejudiciais.

Figura 17 - Respostas da pergunta 8 do formulário para pais de autistas

8) Qual é a situação do(a) seu(sua) filho(a) autista em relação ao estudo formal (escola)?

32 respostas

Estuda na UMEI, com acompanhante

Dificuldade na escrita e leitura

Ele está conseguindo fazer as tarefas. As terapeutas dizem que o cognitivo dele é bom. Mas ele é agitado e isso pode prejudicá-lo.

Detesta o ambiente escolar. Apesar de não ter atrasos intelectuais não se esforça para tirar boas notas nas avaliações.

Hoje ele já concluiu o ensino médio. Mas a inclusão nunca ocorreu de fato em todas as escolas. Tive que "brigar" muito para defender os seus direitos. Ele inclusive tem pavor do ambiente escolar

Não consegue ficar em sala de aula, fica correndo e querendo ir embora.

Tem desenvolvimento muito bom, acima do esperado para idade dele.

Estuda em escola regular e vai bem; é querido por todos mas não é "enturmado"

Infelizmente as crianças autista não podem ficar retidas na série, pra mim é um pecado , pois os colegas de classe estão muito além deles, e no final eles simplesmente só estão ali sentados em uma carteira, não conseguem acompanhar.

Nao gosta de ir a escola, se irrita facil qual alguns professores, nao gosta de estudar e sim de ir a escola do espaço escolar nao do estudo

Ele é assistido pela educação especial.

Acompanha à turma com êxito

Possui suporte com acompanhante de sala e acompanha parcialmente.

Estudando para o Enem.

Estuda na APAE regional da cidade

Ele é nível 1, não apresenta dificuldade quanto aos conteúdos, a dificuldade maior é em se organizar. Sempre perdeu coisas, esquecia que tinha para casa, guarda um livro e não se lembra onde está. Esse ano vai precisar de horário especial para fazer o Enem. Nos simulados por exemplo gasta 3, horas para fazer uma redação, outras vezes 2 horas só numa prova e não sobra tempo para fazer as outras. Organização mesmo.

Dificuldade de compreender o que é abstrato. Dificuldade para resumir textos.

Tranquilo, ele acompanha o aprendizado da turma sem nenhuma necessidade de adaptação das atividades.

Teve dificuldade no início até ser diagnosticado e medicalizado, agressões aos colegas, falta de atenção dispersão, mas faz terapias, acompanhamento medico e medicamentos desde os 08 anos

Baixa

Normal. Com a professora de apoio

Ele está se saindo muito bem na escola, tem um pouquinho de preguiça mas participa de todas as atividades propostas.

Permanece muito tempo fora da sala, circulando, e quando está em sala precisa de auxílio de fone para se concentrar.

Não faço ideia o que passa na cabecinha dele, sei que ele gosta de ir pra sala, muito complicado, ele não foca em nada, muitas vezes não entende o comando para a realização dos trabalhos, as vezes interage com algum coleguinha. Não é agressivo. Ele imita procedimentos

Atualmente está inserido em escola inclusiva.

ainda nao alfabetizado , mas reconhece as letras e sabe os nomes delas , muita dificuldade com números, nao gosta de copiar .

Estudam na mesma escola,a mais velha só tem 2 amigas,a mais nova faz amizade com todos da escola, inclusive de outras salas...

Atualmente está inserido em escola inclusiva.
ainda nao alfabetizado , mas reconhece as letras e sabe os nomes delas , muita dificuldade com números, nao gosta de copiar .
Estudam na mesma escola,a mais velha só tem 2 amigas,a mais nova faz amizade com todos da escola, inclusive de outras salas...
Está acompanhando as atividades propostas aos alunos da classe.
Tranquilo
Escola regular com adaptações para provas, sem atividades de sala e casa adaptadas, poucos amigos.
Boa
ESTA FREQUNTANDO O MATERNAL II DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Fonte: Próprio autor, 2023.

A partir do formulário, vemos que os responsáveis relatam sobre a dificuldade de concentração, a dificuldade com o ensino formal (especialmente no processo de alfabetização), preconceito, dificuldade em adaptação, porém, aparentemente a maior parte das crianças tem conseguido se desenvolver na escola. Alguns pais mencionam que os filhos têm acompanhante dentro de sala.

Segundo a legislação brasileira, os autistas têm alguns direitos em relação à educação. A Lei Berenice Piana (Lei Federal nº 12.764) insere os autistas no grupo dos PCDs (Pessoas Com Deficiência) e colaborou para a criação da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Dentre os direitos garantidos por essa lei, temos

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:
Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado. (BRASIL, 2012).

Esse profissional especializado deve ser fornecido (e subsidiado pela escola), porém, infelizmente ainda há escolas que encontram formas de não cumprir a lei. Uma das mães participantes, inclusive, relatou que a escola queria repassar esse custo para ela, uma vez que o aluno era bolsista (filho de professor). Por conta disso, ela preferiu colocá-lo em outra escola que ele fosse mais bem recebido e relatou que ele teve mais progresso na EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil - que na escola da rede privada, que inclusive é referência em Belo Horizonte. Outros relatos de mães apontam que escolas privadas chegaram a dizer que não havia mais vagas, por isso não poderia aceitar o aluno. Infelizmente isso ainda é comum, o que demonstra um olhar para o autista como um gasto a mais para a instituição, o que dificulta

ainda mais a inclusão (aqui não será discutida qual a melhor forma de incluir o autista em relação a conteúdo, estamos apenas falando de acesso).

Há também a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei Federal nº 13.146) que assegura oferta de profissionais de apoio escolar, um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de aprendizado ao longo da vida e define como dever do Estado assegurar educação de qualidade às pessoas com deficiência.

Um problema recorrente que a autora percebe de sua experiência em escolas da rede pública é que muitos alunos não têm laudo ou os pais não entregam toda a documentação exigida e, com isso, muitos alunos não conseguem o direito desse profissional especializado acompanhando.

Além disso, há outras questões polêmicas que envolvem esse assunto, como a responsabilidade pelo aluno. Por ter um professor especializado acompanhando, os professores regentes tendem a deixar o aluno por conta desse outro profissional, no entanto, a responsabilidade por ele é de ambas as partes. Por outro lado, há uma defasagem na formação dos professores regentes que normalmente não têm no seu currículo da graduação disciplinas que ensinam métodos de ensino para alunos com deficiência. Porém, essa é outra discussão que não será feita neste momento.

Figura 18 - Respostas da pergunta 9 do formulário para pais de autistas

9) Em caso de autistas não verbais ou com aquisição de linguagem tardia, você já tentou formas alternativas de comunicação? Se sim, qual(is)? Se não, justifique. (CASO SEU FILHO SEJA ORALIZADO, FAVOR RESPONDER "NÃO SE APLICA").

32 respostas

Não se aplica

Não se aplica

Sim. Eu tinha um quadro de imã com imagens de afazeres/pessoas/cores... onde ela se comunicava (e tentava) não era sempre que tinha uma boa comunicação, mas as imagens ajudavam muito

Já tentei música, imagens mas ainda não encontrei uma forma eficaz de comunicação.

Acredito que se o autista não tem contato visual, ele não terá uma boa relação com outros tipos de comunicação. O meu filho tinha um pouco de contato visual, então eu falava pausadamente e pedia para que ele repetisse. Levando brinquedos perto da minha boca, para chamar atenção dele e ter o êxito da fala.

Sim várias!! Conversava muito com ele dormindo, professoras particular, placas com imagens, sílabas, desenhos, aplicativos .. Sempre incentiva ele a repetir tudo que eu falava, sempre demonstrava que entendia tudo que ele estava dizendo.

nao se aplica
Nao aplica
Apesar do meu filho ser oralizado, ele ama conversar comigo em Libras, baixei o aplicativo Hand Talk no celular dele e ele está aprendendo bastante e com entusiasmo.
Não se aplica.
Comunicação tardia. Explicar o mundo através de filmes.
Não, acho que apresentar figuras torna o tentar verbalizar mais difícil.
Meu filho teve sim linguagem tardia, mas o que ajudou no desenvolvimento da fala foram as terapias, a natação e a escola, foi trabalhando a socialização que a fala se desenvolveu.
Sim, libras e pacs

Não Se aplica
Ele fez terapia com fonoaudióloga por muito tempo, e só paramos pq o plano mudou e está mais complicado achar local e vaga.
Não tentamos. Sempre fizemos a busca pela linguagem convencional. Fui tentado algumas vezes por psicólogo e fono, mas ele não se adotou, nem a família.
Bom, ele é não verbal ainda, conheço o CAA, usamos um pouco dessas técnicas, mas como ele ainda é muito novo, estamos numa rotina intensiva de intervenções para que consigamos que a fala se desenvolva até os 6 anos
N/A
somente depois de muita terapia e tentativas ele aprendeu algumas palavras , nao fala frases , sendo que foi acompanhado por várias fonos e cada uma com um método diferente.
Sim. Por meio de imagens.

Não tentamos. Sempre fizemos a busca pela linguagem convencional. Fui tentado algumas vezes por psicólogo e fono, mas ele não se adotou, nem a família.
Bom, ele é não verbal ainda, conheço o CAA, usamos um pouco dessas técnicas, mas como ele ainda é muito novo, estamos numa rotina intensiva de intervenções para que consigamos que a fala se desenvolva até os 6 anos
N/A
somente depois de muita terapia e tentativas ele aprendeu algumas palavras , nao fala frases , sendo que foi acompanhado por várias fonos e cada uma com um método diferente.
Sim. Por meio de imagens.
Sim. Fonoaudióloga
Não, não tinha informação na época que isso era possível e de como fazer, foi feito de forma empírica.

Fonte: Próprio autor, 2023.

Duas mães citaram (uma nesta pergunta e outra ao final do formulário) que já tentaram o uso da Libras com o filho autista não verbal. Segue o relato delas em conversa com a pesquisadora.

Meu filho frequentou uma oficina de libras onde o professor pegava um tema e ensinava as palavras sobre aquele tema, foi por 6 meses, era uma tentativa de linguagem alternativa já que meu filho é não verbal. Porém ele se interessou muito pouco e fazia apenas alguns gestos, então como era uma tentativa pediram pra que não fossemos mais pq ele não se interessou como deveria. É isso. Mais foi muito bom esse período e algumas palavras ele até fala em libras mais são bem poucas. Foi no AADAS mais como falei era uma tentativa de linguagem alternativa, mais meu filho não respondeu como esperávamos, lá eles dão suporte as famílias que tem alguém surdo, abriram uma exceção pro meu filho pra tentar a linguagem alternativa. (WHATSAPP, 2023).

Essa criança tem 9 anos e a tentativa relatada foi no início de 2023. Essa mãe contou que as aulas eram semanais com duração de 1 hora e tinha mais 8 alunos ouvintes que tinham familiares surdos em casa. A AADAS citada é a Associação de Atenção ao Deficiente Auditivo e Surdo, que fica em São José dos Campos - São Paulo, e eles permitiram que o filho dela participasse das aulas como uma tentativa de comunicação alternativa.

Atualmente, ela disse que a comunicação do filho é por gestos, apontamento, oralização de algumas palavras e que esporadicamente ele escreve o que quer. Ele é alfabetizado, reconhece as letras e algumas palavras, mas nem sempre sabe escrevê-las de forma espontânea, apenas as identifica quando lê. Ademais, ela disse que ele reconhece outras línguas e que tem hiper foco em letras e números. Quanto aos sinais, ela contou que os sinais que ele sabe fazer são “oi”, “filho”, “café”, “bom dia” e “lindo”, mas que ele só diz quando solicitado e sinalizado, ou seja, não parte dele e é apenas uma imitação.

Já a outra nos conta que a tentativa foi no AEE – Atendimento Educacional Especializado – dentro da escola. Havia um aluno surdo e, por isso, a professora tentou ensinar a Libras para o autista também na tentativa de obter alguma resposta. A mãe não soube precisar o tempo que essa experiência durou.

Ele foi apresentado a linguagem de libras, mas nao se interessou, achava legal ficar vendo, aprendeu o nome dele na epoca , mas se recusava a fazer os sinais, então a professora do AEE percebeu que nao ia funcionar com ele. (WHATSAPP, 2023).

Além dos abordados ao longo da dissertação, esses foram os únicos relatos ou tentativas que encontramos. De modo geral, então, vemos que os pais tentam formas de comunicação visuais ou gestuais, nem sempre formalizadas ou dentro de um padrão. Vejamos alguns dos métodos citados por eles.

Figura 19 – Aplicativo TD Snap



Fonte: CIVIAM, 2023.

O aplicativo TD Snap, segundo o site CIVIAM (2023), é “um software de comunicação que ajuda na alfabetização e no desenvolvimento cognitivo de pessoas com deficiências, como síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista, apraxia, paralisia cerebral, entre outros”. Ele é fácil de usar, a customização é simples e tem backup gratuito de armazenamento em nuvem. Nele é possível criar vocabulário, com som, escrita e imagem e separar por categoria. Assim, o autista pode clicar no que ele deseja expressar para se comunicar. Uma das mães nos contou que tem sido muito positivo o uso do aplicativo.

Já a CAA é a Comunicação Alternativa e Aumentativa que reúne diversos métodos diferentes a fim de promover o desenvolvimento da comunicação. A metodologia a ser adotada deve ser analisada e selecionada por uma equipe multidisciplinar e não necessariamente faz uso de elementos vocais. Alguns suportes utilizados são, por exemplo, placas com imagens, fotografias, computadores e/ou tablets. Bandera (2022) coloca a língua de sinais como uma forma de CAA que não precisa de suporte físico. Além dela, os PECS são uma forma de CAA.

O PECS (no formulário é citado e aparece como PACS por um erro de digitação da participante), segundo o site Pyramid Educational Consultants (2023), “é um sistema único de comunicação alternativa/aumentativa desenvolvido nos EUA em 1985 por Andy Bondy, PhD, e Lori Frost, MS, CCC-SLP”.

O PECS consiste em seis fases e começa ensinando um indivíduo a dar uma única figura de um item ou ação desejada a um “parceiro de comunicação” que imediatamente honre a troca como um pedido. O sistema prossegue ensinando

a discriminação de figuras e como juntá-las em frases. Nas fases mais avançadas, os indivíduos são ensinados a usar iniciadores, responder perguntas e comentar. (PYRAMID EDUCATIONAL CONSULTANTS, 2023).

Sendo assim, o sistema funciona baseado em trocas. O objetivo principal é auxiliar na comunicação funcional. No site, ainda fala que “a pesquisa mostrou que alguns alunos que usam o PECS também desenvolvem a fala. Outros podem fazer a transição para um vocalizador”.

Além dessas terapias, pudemos perceber que grande parte dos autistas fazem acompanhamento com fonoaudiólogas e terapeutas ocupacionais, que também podem agregar nesse processo. O acompanhamento interdisciplinar é indispensável porque gera mais estímulos e trabalha áreas diferentes com um objetivo em comum.

A pergunta 10 era sobre as expectativas em relação ao futuro dos filhos. Unanimemente os participantes responderam que desejam que os filhos sejam independentes. Acredita-se que o desejo de todo pai e mãe é que o filho tenha autonomia para fazer suas tarefas sozinho quando esse momento chegar e sabemos que muitos autistas não alcançam isso nem mesmo na fase adulta, seja por problemas de socialização, linguagem, impulsividade, entre outros impedimentos. Por conta disso, colaborar nesse processo é importantíssimo para inserir os autistas na sociedade.

A pergunta número 11 questionava se o responsável permitiria que o(a) filho(a) fizesse aulas de língua de sinais na tentativa de desenvolver uma comunicação gestual para ajudar a desenvolver mais a oralidade e/ou comunicação. Dentre as 32 respostas, 3 responderam que não se aplica, 1 disse que não porque não há necessidade, outro falou que não porque o filho já faz acompanhamento com 2 fonoaudiólogas que fazem tratamento alternativos, 1 disse que já tentou, mas não obteve resultados, outra disse que no caso do filho não ajudaria no desenvolvimento social dele e os outros 25 disseram que sim porque todas as tentativas são válidas e poderia ajudar bastante.

Interessante destacar que muitas mães disseram que permitiriam se a criança demonstrasse interesse, o que muitas vezes nem é levado em consideração na tentativa de testar todas as possibilidades. Outro ponto importante é que uma mãe disse que o filho aprender Libras é importante não só para ajudar seu filho autista, mas também para ajudar na inclusão dos surdos na sociedade, o que demonstra um olhar atencioso e verdadeiramente inclusivo.

5.1.2 Questionário para surdos professores de autistas

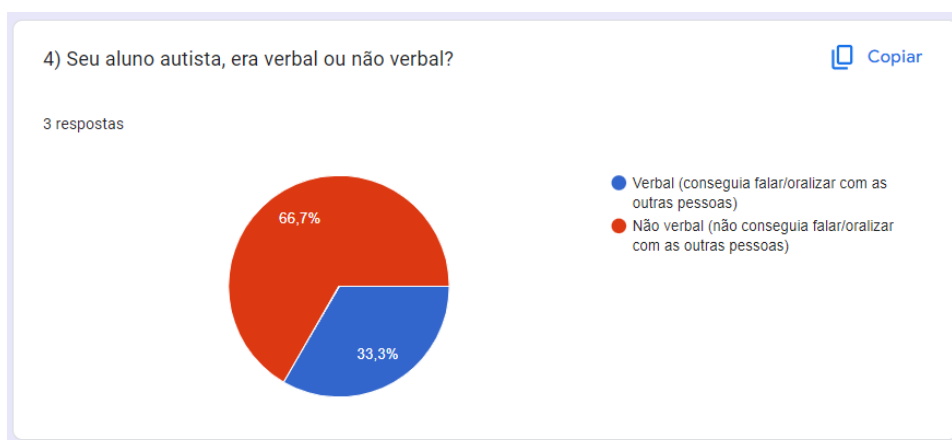
Neste formulário obtivemos 3 respostas. Acreditamos que, por termos feito um recorte tão específico (surdos que já deram aula para ouvintes autistas), isso é compreensível. Além disso, apesar do foco ser autistas não verbais e autistas ouvintes, tivemos relatos de experiências diferentes nas respostas, ainda assim elas serão apresentadas aqui porque contribuem também para a pesquisa.

Outro ponto importante para destacar é que, por ser um formulário feito em português e destinado a surdos, que têm o português como segunda língua, pode apresentar problemas de entendimento das perguntas ou respostas não tão bem construídas do ponto de vista sintático da língua. No entanto, isso não atrapalhou a análise dos dados.

O primeiro participante é professor de Libras há 10 anos e disse que já teve 3 alunos autistas (que também eram surdos). O segundo, leciona a 11 anos e não sabe precisar quantos alunos autistas já teve – pois foram muitos – mas hoje em dia tem 5. Já o último disse que não é professor atualmente, mas que já teve 8 alunos autistas.

Isso nos revela que os professores já tiveram contato com um número considerável de autistas – por ser um recorte tão específico - mas pequeno perto do tempo que lecionam. Uma vez que praticamente não há histórico de procura por língua de sinais para autista, inclusive como visto no primeiro questionário e nas referências bibliográficas usadas neste trabalho, os dados obtidos aqui são muito relevantes, já que esse público é tão reduzido.

Figura 20 - Gráfico de respostas da pergunta 4 do formulário para surdos



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 21 - Gráfico de respostas da pergunta 5 do formulário para surdos



Fonte: Próprio autor, 2023.

Interessante observarmos que ser verbal ou não verbal não é o que torna o autista mais expressivo ou não, porque dentro do espectro há essa variabilidade que não segue uma regra. Por isso, o autismo é um contexto tão heterogêneo, portanto cada caso ou indivíduo tem que ser avaliado de forma individualizada.

Figura 22 - Respostas da pergunta 6 do formulário para surdos

6) Qual(is) estratégia(s) e metodologias diferenciadas você usou nas turmas com aluno autista? (Atenção: pode escrever o português do seu jeito).

3 respostas

Fiz estratégia básica na libras, usei muito imagem com visibilidade sem seguir no português porém, faça vários repetir na rotina do ano porque autista tem variação tipo diferente como boa de memória, nível de tipo em leve, médio e pesado. Meu já fez trabalho com eles são leve e médio mas, nunca fui acompanhando com aluno surdo e autista pesado. Eu ensinando a libras para eles assim me copiam quase nada falar na sua produção e só falar gestual.

- Escrever no quadro
- Aprender comigo a expressar em Libras em contexto e vocabulários
- Dinâmica

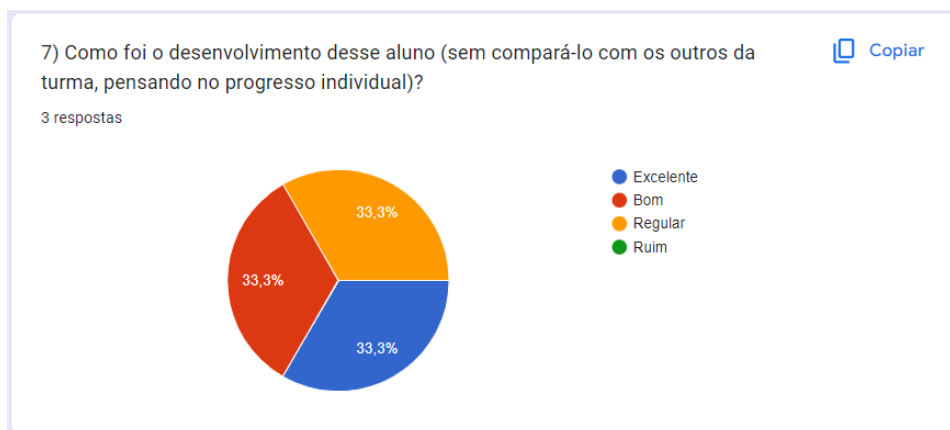
Trabalhava muito no lúdico, no concreto

Fonte: Próprio autor, 2023.

Autistas são muito visuais, assim como os surdos e, por a Libras ser uma língua espacial, é esperado que os professores explorem mais as ferramentas visuais mesmo. Uma diferenciação é a questão do concreto e abstrato. Tem-se o mito de que línguas de sinais não passam mensagens subjetivas ou não atingem o abstrato, no entanto, os surdos têm essa capacidade de entendimento assim como os ouvintes, além da língua de sinais passar qualquer mensagem que as orais passam. Porém, autistas tendem a não entender conceitos abstratos ou subjetivos, então, focar no concreto é muito importante. Com exceção dessa diferenciação, aparentemente os

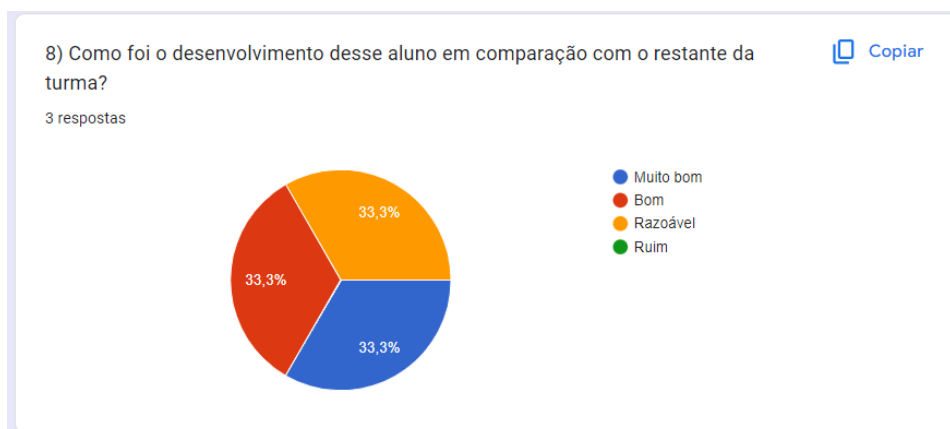
professores não usaram metodologias fora das que já estavam acostumados a usar em suas aulas de Libras.

Figura 23 - Gráfico de respostas da pergunta 7 do formulário para surdos



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 24 - Gráfico de respostas da pergunta 8 do formulário para surdos



Fonte: Próprio autor, 2023.

Os gráficos das figuras 23 e 24 apresentam dados muito interessantes. Pedimos que os professores avaliassem os alunos de duas formas diferentes, analisando o progresso individual e em comparação com o restante da turma, e eles deram o mesmo parecer em ambos os casos. Isso sugere que o autista – tanto verbal quanto não-verbal - desenvolve a língua de sinais assim como um aprendiz ouvinte neurotípico.

Figura 25 - Respostas da pergunta 9 do formulário para surdos

9) Qual sua opinião sobre o uso da Libras na comunicação com autistas, especialmente não verbais? (Levando em conta que eles também são muito visuais).

3 respostas

Sim, só que eu falando quando eles precisam ir pra fazer umas coisas exemplo: pode ir ao banheiro, beber água, não pode, pode, etc... Entenderam mesmo.

Para mim, é importante para ministrar a aula de Libras para alunos autistas na aula particular para não perder o foco em conteúdos de Libras em contexto, para não atrapalhar com os colegas na sala. Assim, ele é aprendizado e pode fazer o treino de comunicação com os outros alunos em Libras. O t

Indispensável

Fonte: Próprio autor, 2023.

Ao iniciar esta pesquisa, um dos questionamentos seria como os surdos lidariam com essa proposta do uso da Libras na comunicação com autistas, uma vez que muitos falantes têm uma questão de apropriação da língua e outros que pensam que usá-la para outra finalidade pode desmerecê-la ou, de certa forma, menosprezar seu status de língua, pois estaria sendo usada para um outro grupo de falantes. Felizmente, os participantes da pesquisa viram a proposta de forma positiva e entenderam que a ideia é ajudar o desenvolvimento linguístico do autista.

Apropriar um falante com uma língua às vezes não nativa é uma forma de expandi-la também. Ter a Libras mais difundida na sociedade auxilia na inclusão dos surdos em diferentes contextos, agrega valor e fortalece seu status de língua.

Figura 26 - Respostas da pergunta 10 do formulário para surdos

10) Deixe aqui um comentário sobre o tema ou o que queira contar da sua experiência com o ensino de língua de sinais para autistas. (PERGUNTA NÃO OBRIGATÓRIA) Se quiser fazer um comentário em Libras, pode gravar um vídeo de até 3 minutos e colocar o link do vídeo na resposta. Por favor, coloque o vídeo "não listado", não coloque como "privado" ou não conseguirei assistir.

3 respostas

<https://youtu.be/Y1kU0vYt8rw>

O tema cujas perguntas e pesquisas é muito importante para o mundo conhecer como seria processo de ensino de Libras para alunos autistas, pois não há nenhuma pesquisas e atualizações sobre a situação de aprendizagem de alunos autistas e também metodologia de ensino de Libras. Para mim, a aprendizagem de alunos autistas depende de atenção ao conteúdo e também grau de autismo. Por isso, sugiro que pesquisa sobre como seria o grau de nível de autismo que consegue aprender Libras ou não.

Parabéns pelo trabalho

Fonte: Próprio autor, 2023.

A última pergunta era um espaço para que os participantes pudessem deixar comentários sobre o tema. O primeiro participante gravou um vídeo em língua de sinais, que foi uma opção dada caso eles ficassem mais confortáveis em participar dessa forma. Pelos relatos, podemos entender que as coisas mais práticas e concretas os alunos conseguem aprender com mais facilidade, como cores ou solicitações como ir ao banheiro, por exemplo. No entanto, as questões de inquietude dos autistas podem atrapalhar. Eles às vezes ficam nervosos e não querem ficar sentados. Ou seja, mais uma variação a depender do indivíduo e das características mais marcantes do autismo de cada um, mudando também pelo nível em que eles se enquadram.

Por fim, podemos dizer então que os autistas conseguem aprender Libras assim como os outros ouvintes e apresentam dificuldades singulares que variam de indivíduo para indivíduo, o que acontece também com pessoas neurotípicas, ainda que em menor escala ou de forma mais branda. A dificuldade de compreensão de subjetividades, que é própria do espectro, também refletirá na aquisição da língua, mas é mais sobre a compreensão do significado/sentido do que da sinalização em si.

5.2 Resultados Mini curso

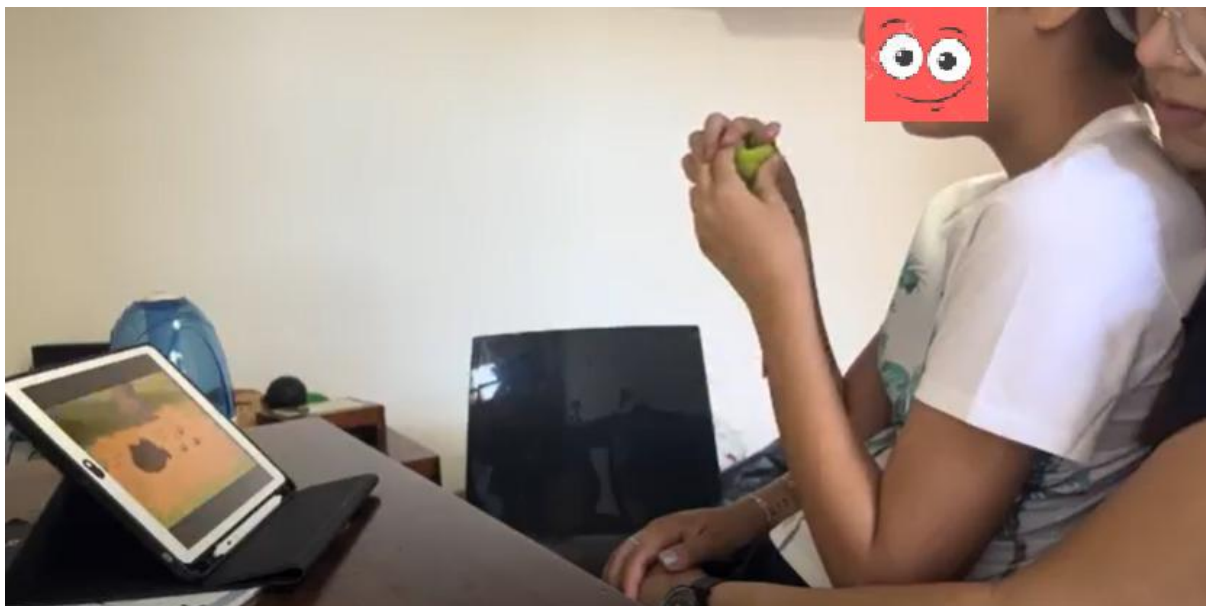
A ideia do mini curso inicialmente era de fazer um estudo de caso com um autista não verbal por um período de tempo de 1 ano aproximadamente. Porém, houve vários contratempos que impediram que isso acontecesse. Os autistas encontrados não tiveram a disponibilidade e, um dos que participaria, no fim, a mãe não foi muito aberta e ficava sempre adiando. Sabendo que não seria possível um acompanhamento mais frequente, foi pensado o mini curso com a finalidade de testar a recepção da língua de sinais em um primeiro contato. Ele foi preparado para 1 aula de cerca de 2h. O curso foi feito com 4 crianças autistas de graus diferentes. A criança 1 é um autista não verbal, do nível 3. A criança 2 é autista nível 2 e recém oralizada. A criança 3 é um autista oralizado nível 1 e a 4 é não verbal e nível 3.

Apesar do foco da pesquisa ser autistas não verbais, foi interessante fazer o mini curso com os autistas oralizados até para ver a recepção da língua de sinais e pensando que a maior parte dos autistas têm aquisição tardia da língua oral e, ainda aqueles que a adquirem, permanecem apresentando problemas de comunicação.

Inicialmente as atividades seriam feitas na ordem em que foi apresentada na metodologia, mas no decorrer de cada aula, a ordem foi mudando em alguns momentos a partir

da demanda de cada aluno. A seguir, vamos apresentar o relatório com cada aluno. Todas as aulas foram filmadas com a autorização do responsável.

Figura 27 – Criança 1 assistindo ao vídeo



Fonte: Próprio autor, 2023.

Criança 1: Esta criança é um autista não verbal de 11 anos. Ele já conhecia a pesquisadora há anos, então a recepção foi boa. Ele mostrou resistência quando a mãe disse que faríamos atividades. Começamos no quarto, na mesa em que ele estuda, que fica ao lado da cama. A maior dificuldade foi fazer com que ele prestasse atenção nas atividades. Em determinado momento, a mãe deu para a pesquisadora algumas balas que ele gosta para tentar fazer um sistema de troca, e isso funcionou brevemente. Na maior parte, ele tentava desviar e não demonstrou interesse por nenhuma das atividades, o que impossibilitou que algumas fossem realizadas. Depois de um tempo, fomos para a cozinha, e ele acalmou um pouco. A mãe relatou que ele come com intervalos de tempo, então ele queria pão de queijo e ficou impaciente na espera para que assasse. Quando a mãe pegou o tablet, ele usou o aplicativo TD Snap para comunicar algumas coisas, como pedir o pão de queijo e danoninho. Em relação à Libras, ele repetiu apenas dois sinais (de cores), mas por insistência da pesquisadora e sem demonstrar nenhum entendimento quanto ao significado. Ele coloriu o desenho, mas com a ajuda da pesquisadora quanto à escolha das cores. As outras atividades não foram feitas por completo.

Figura 28 – Criança 2 realizando uma das atividades



Fonte: Próprio autor, 2023.

Criança 2: Esta criança é uma autista recém oralizada de 4 anos. Em um primeiro contato ela ficou um pouco tímida e respondia sem trocar olhares com a pesquisadora. Com o tempo foi se soltando e ficando mais à vontade. Ela demonstrou muito interesse em todas as atividades que foram apresentadas, mas ficava sempre ansiosa pela próxima ou pelo que estava dentro da bolsa. Foi possível realizar todas as atividades e ela pegou facilmente todos os sinais ensinados. A aula foi na casa da babá, que é amiga da mãe, então era um ambiente de conforto. As atividades foram feitas em uma mesa na sala, e apesar de ter movimento na casa, ela ficou o tempo todo bem atenta. Como ela é recém oralizada, a comunicação verbal foi possível e auxiliou bastante, mas em alguns momentos a pesquisadora teve dificuldade de identificar algumas das palavras que ela dizia.

Figura 29 – Crianças 3 e 4 no mini curso



Fonte: Próprio autor, 2023.

Criança 3: As crianças 3 e 4 são irmãos e a aula foi realizada com os dois ao mesmo tempo na casa da pesquisadora por escolha da mãe. A 3 é o irmão mais velho e a mãe só descobriu o autismo depois do segundo filho. As características do espectro dele aparecem de forma mais sutis, então não houve muita dificuldade na interação. Ele é verbal e tem 8 anos de idade. Ele conseguiu fazer todas as atividades, mas não demonstrou muito interesse na sinalização dos sinais. Com insistência ele repetiu alguns, mas aparentemente conseguiu entender os significados, tanto que conseguiu identificar as cores na atividade de colorir. Ele gostou muito do jogo online e pediu para jogar várias vezes.

Criança 4: Esta criança é um autista não verbal de 5 anos de idade. Por estar em um ambiente diferente, ele entrou e andou por toda a casa. Interagiu com a pesquisadora sem aparente constrangimento, mas não queria ficar sentado. A mãe o pegou no colo várias vezes para tentar mantê-lo quieto, mas foram muitas tentativas sem sucesso. Ele não demonstrou interesse em nenhuma das atividades, e só fez a de desenhar com a ajuda da mãe. Ela relatou que ele tem muitos problemas com a coordenação motora, então até segurar o giz de cera foi uma barreira. Ele abriu a geladeira e achou um chocolate, depois disso, queria o tempo todo ir até a cozinha para pegar o chocolate. A pesquisadora tentou usar um sistema de troca com ele, ele assistir o vídeo ou interagir e ganhar o chocolate, mas ele não tinha paciência para esperar e pegou o chocolate forçadamente do pote. Quando foi dado um pedaço para ele e um para o irmão, ele tomou do irmão mais velho e comeu os dois rapidamente. Com o tempo, ele começou a ficar mais impaciente e por isso decidimos finalizar a aula.

A seguir, seguem algumas das atividades realizadas.

Figura 30 – Desenhos sobre o livro



Fonte: Próprio autor, 2023.

A instrução sobre o desenho foi que eles representassem o que entenderam da história ou alguma parte que gostaram mais. A criança 1 não fez a atividade. A criança 2 não quis fazer desenhos que fossem relacionados ao livro, apesar de ter prestado atenção em todas as páginas. Ela disse que queria fazer outra coisa e, mesmo a pesquisadora retomando o comando, ela fez um desenho dela com vários elementos que gosta, desenhou sua mão e escolheu as cores preferidas - não relacionadas com as principais que aparecem no livro. A criança 3 quis retratar sua parte preferida e a 4 fez o desenho com o auxílio da mãe, e como dito anteriormente, por conta de sua dificuldade com a coordenação motora, não foi possível nem que ele segurasse sozinho o giz de cera.

Figura 31 – Atividade para colorir - Sinais das cores



Fonte: Próprio autor, 2023.

Como podemos ver na figura 31, a criança 1 também apresenta dificuldade na coordenação motora. Ele só coloriu com as cores certas por instrução da pesquisadora, porque, como dito anteriormente, ele não prestou muita atenção no vídeo nem na sinalização das cores, ainda que tenha repetido algumas delas. A criança 2 e 3 conseguiram identificar os sinais por meio da sinalização da pesquisadora e a criança 4 não fez essa atividade.

Houve uma tentativa de continuar as aulas com as crianças 1 e 2, porém só foi possível com a 2. Ela teve uma resposta muito positiva e memorizou os sinais. A mãe chegou a pedir para ela repetir os sinais depois (como mostra a figura 32), e ela fez os sinais certinhos - errou apenas um que ela trocou, no caso verde por amarelo - e mostrou-se muito empolgada.

Figura 32 – Criança 2 sinalizando “vermelho”



Fonte: Próprio autor, 2023.

Figura 33 – Post da mãe da criança 2 no Instagram sinalizando “gato”



Fonte: INSTAGRAM, 2023.

A mãe relatou que a criança está muito empolgada e faz com muito ânimo os sinais que aprendeu. Além disso, deu o retorno que ela memorizou com muita facilidade e conseguiu mostrar os sinais sozinha apenas quando ela falava a palavra. A mãe não sabe nenhum sinal em Libras, mas está super contente com o desenvolvimento da filha, isso inclusive pode ser observado na figura 33 que foi uma postagem da mãe no Instagram.

Na segunda aula, a resposta foi ainda mais positiva. A criança lembrava os sinais ensinados e pegou com ainda mais facilidade os novos que foram inseridos. Ela perdeu a

paciência em alguns momentos que queria trocar de atividade, mas conversando e alternando os estímulos tudo fluiu muito bem. A pesquisadora perguntou se ela queria continuar as aulas e se estava gostando e ela disse que sim. Por conta disso, as aulas vão permanecer semanalmente por tempo ainda indeterminado a fim de analisar melhor os efeitos da aquisição da língua de sinais.

Um ponto interessante a ressaltar é que, ao ver vídeos no celular, quando o volume estava alto, ela ficava incomodada com o barulho e tampava os ouvidos, além de reclamar do som, então, quando ela aprendeu a bater palmas em Libras, por exemplo, ela adorou, o que pode ser explicado pela ausência do som.

5.3 Análise geral

Obtivemos bons resultados com as aulas e percebemos que o público (pais e professores) é bem aberto para a inserção da língua de sinais para auxiliar na comunicação de autistas. Essa metodologia inclusive já é considerada uma forma de Comunicação Alternativa.

Pode-se dizer também que os autistas são capazes de aprender a língua de sinais. Alguns vão apresentar maiores dificuldades por conta de sua limitação que é bem específica, mas isso é inevitável e pode acontecer com aprendizagem de coisas diferentes e de variadas áreas do conhecimento, não é uma barreira estabelecida especificamente pela Libras, mas questões em relação ao espectro e a forma de lidar do indivíduo.

Além disso, cada autista é muito singular, então é muito complicado fazer afirmações que generalizam, porque eles compõem um grupo muito heterogêneo. Ainda assim, arriscamos dizer que a hipótese proposta neste trabalho pode ser de grande valia.

6 CONCLUSÃO

Apesar de não existir ampla referência bibliográfica acerca da temática aqui proposta, o arsenal disponível e a pesquisa feita sugerem que os efeitos do aprendizado de língua de sinais por ouvintes dentro do espectro autista podem ser benéficos e, dentre eles, podemos citar o desenvolvimento linguístico a partir do campo visual e a melhor adaptação a uma língua não sonora (para muitos autistas o som é um incômodo considerável). Alguns casos não são produtivos, no entanto, também não apresentam malefícios comprovados, o que valida ainda mais a tentativa.

Outrossim, podemos ponderar que a aquisição de uma nova língua, no caso uma língua de sinais, como apresentado aqui, pode colaborar tanto no desenvolvimento das habilidades linguísticas, quanto para a formação intelectual, emocional e sociocultural das crianças, além de ser possível melhorar a criatividade, o desenvolvimento de habilidades com multitarefas, diminuir o risco de doenças cerebrais, aprimorar a agilidade mental, a memória e, no caso do aprendizado de línguas de grupos marginalizados, é possível considerar também o aprendizado como uma maneira dar visibilidade e prestígio à língua e seu grupo de falantes. Especialmente no caso da Libras, difundi-la colabora também para a inclusão dos surdos e para a eliminação de diversos preconceitos existentes na sociedade, além de reafirmá-la como língua.

Nossa hipótese era que a língua de sinais, por ser gesto visual, seria mais bem aceita por autistas e ajudaria muito no desenvolvimento da comunicação, especialmente em casos de autistas não verbais. Dito isso, podemos dizer que, a partir dos casos analisados (considerando os estudos de caso da bibliografia, os relatos das mães do formulário e os mini cursos aplicados), a recepção foi positiva em alguns casos, pois a aquisição ocorreu de forma mais natural e mais rápida que a língua oral, principalmente levando em consideração que os autistas verbais, em sua maioria, adquiriram linguagem tardiamente, mas em contato com a Libras responderam de forma mais espontânea. Não estamos descartando aqui a diferença entre a aquisição de uma primeira e de uma segunda língua.

Por outro lado, nos casos em que a recepção da Libras não foi tão boa, acreditamos que por ser um primeiro contato ou um tempo de tentativa reduzido pode ter prejudicado a experiência, portanto, não é possível afirmar também que não funciona. Sabemos que a rotina é fundamental para um autista, então para ter uma experiência conclusiva, é necessária uma tentativa por um período de tempo prolongado dentro da rotina dele. Os relatos apresentados aqui que não foram produtivos (em conversa com as mães que participaram do questionário

virtual) não são detalhados, então não conhecemos a metodologia que foi utilizada nem como aconteceram essas aulas, o que impede diagnosticar possíveis problemas.

Autistas não verbais têm - majoritariamente - maior dificuldade de concentração e, por isso, chegar a eles é ainda mais difícil. Para uma tentativa mais assertiva, seria necessário um prazo bem mais longo de tentativa, uma vez que o tempo de aprendizagem deles é diferente e isso precisa ser respeitado, além de que precisa ser inserido na rotina e demanda muita repetição. Não podemos, com os indícios que temos até os dias de hoje, descartar a possibilidade do uso da Libras como forma de comunicação para autistas não verbais, tampouco podemos garantir que é completamente eficaz.

É preciso acrescentar que, ainda que a língua de sinais colabore para o desenvolvimento linguístico do autista, permitindo uma melhor comunicação, isso ainda não garante que auxiliará na aquisição da língua oral e também não permitiria acesso a vários lugares (uma vez que a maior parte da população brasileira ainda não sabe Libras tampouco todos os lugares são acessíveis para quem usa língua de sinais). Ademais, há a questão de que os pais também precisariam aprender a língua para colaborar no desenvolvimento do filho, o que muda toda a dinâmica da casa.

Infelizmente não foi possível realizar a pesquisa da forma proposta, devido a circunstâncias adversas, como indisponibilidade dos participantes e problemas de saúde da pesquisadora, porém, apesar disso, alguns dos resultados obtidos foram encorajadores. A criança 2, por exemplo, demonstrou respostas muito positivas. Quando a mãe ia perguntando os sinais, ela ia fazendo um a um, e isso com pouco tempo de contato com a língua. Com tudo isso, não foi possível chegar a uma conclusão definitiva, mas os resultados apontam para uma possível continuidade.

A legislação vigente, até então, tem garantido aos autistas apenas um acompanhante especialista quando comprovado a necessidade e as salas de AEE em alguns casos. Porém, é evidente que precisamos de metodologias mais específicas e adaptáveis para alcançar cada autista dentro de sua individualidade, pois muitos não conseguem desenvolver da melhor forma na escola dentro do cenário atual da educação. Tanto na escola quanto dentro de casa, é importante testar formas alternativas de comunicação para colaborar no desenvolvimento do autista, visando principalmente sua independência.

Sendo assim, este estudo contribui para a temática que ainda exige muitos estudos e investimento na área. Pesquisar um grupo tão específico e restrito apresenta dificuldades como falta de bibliografia e dificuldade de acesso ao público alvo pesquisado. No entanto, um pequeno progresso como esse colabora para futuros avanços em nossa sociedade.

Em conclusão, dentre os objetivos propostos, foi possível cumprir parcialmente o objetivo geral da pesquisa, que seria investigar os efeitos do aprendizado de língua de sinais por ouvintes dentro do espectro autista. Em relação aos objetivos específicos, eles também foram cumpridos em partes. Foi possível identificar alguns benefícios adquiridos por ouvintes aprendizes de línguas de sinais, além de analisar e descrever o contato de autistas, inclusive não-verbais, com a Libras. Ademais, verificamos - ainda que de forma não profunda - a funcionalidade do ensino/aprendizado de uma língua de sinais como forma de inclusão, verificamos como tem sido o ensino para autistas e o desenvolvimento da linguagem deles em âmbito escolar e dentro de casa (por meio do formulário) e, por último, foi possível contribuir para o aumento do repertório de pesquisas na área de ensino/aprendizagem de Libras para autistas. Porém, ainda há muito o que se pesquisar e este estudo tem muitos indícios para um plausível prosseguimento.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Humberto. **5 razões científicas para aprender outro idioma: Estudos comprovam os benefícios cognitivos de quem é bilíngue.** 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/12/5-razoes-cientificas-para-aprender-outro-idioma.html>>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. O uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 22, p. 373-378, 2010.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 Task Force. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5™. **American Psychiatric Publishing**. 5th. ed. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- ARANHA, M. S. F. (Org.). **Educação inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. 4v.
- ARAÚJO, Elisângela do Nascimento de. **A contribuição do método TEACCH para o atendimento psicopedagógico**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado de Psicopedagogia). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. 2016.
- AUTISM and development disabilities monitoring (ADDM) network. **Centers for disease control and prevention**. 2012. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/addm-community-report/index.html>>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- BANDEIRA, Gabriela. Autista na educação: 3 direitos garantidos por lei para pessoas autistas. **Genial Care**. 2023. Disponível em: <<https://genialcare.com.br/blog/autista-na-educacao/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- BILINGUALISM delays age at onset of dementia, independent of education and immigration status. **Neurology**. Suvana Alladi, Thomas H. Bak, Vasanta Duggirala, Bapiraju Surampudi, Mekala Shailaja, Anuj Kumar Shukla, Jaydip Ray Chaudhuri, Subhash Kaul. 2013.
- BRASIL. Lei n. Nº 10.436, de 24 de abr. de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília, p. 1-1, abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 01 set. 2020.
- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dez. de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos de Pessoas com autismo do Espectro Autista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

BRASIL pode ter 6 milhões de autistas: entenda o porquê. **Jornalismo inclusivo**. 03 de abril de 2023. Disponível em: <<https://jornalistainclusivo.com/brasil-pode-ter-6-milhoes-de-autistas-entenda-o-porque/>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BERTAGLIA, Rosi. **Língua de sinais: uma poderosa ferramenta na comunicação de autistas e pessoas com síndrome de down**. Hand talk, 2020. Disponível em: <<https://www.handtalk.me/br/blog/autistasesdown/>>. Acesso em: 02 mai. 2022.

CABRAL, Umberlândia. De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões. **Agência de Notícias IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)**. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

CAMERON, L. **Teaching Languages to Young Learners**. Cambridge: CUP, 2001.

CAMERON, L. **Challenges for ELT from the expansion in teaching children**. *ELT Journal*, v. 52, n. 2, p. 105-112, 2003.

CERMAK, Sharon A.; CURTIN, Carol; BANDINI, Linda G. Food selectivity and sensory sensitivity in children with autism spectrum disorders. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 110, n. 2, p. 238-246, 2010.

CENSO do IBGE levanta dados sobre autismo pela 1ª vez. **Folha BV**. 2022. Disponível: <<https://www.folhabv.com.br/cotidiano/censo-do-ibge-levanta-dados-sobre-autismo-pela-1a-vez/>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

COLÉGIO no RS é exemplo de inclusão de estudantes com deficiência. **Centro de Referência em Educação Integral**. 2015. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/experiencias/colégio-rs-e-exemplo-de-inclusao-de-estudantes-deficiencia/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

DA CRUZ CANCELLA, Claudia Alessandra et al. **A importância da rotina para o autista no contexto escolar**. 2019. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33139/1/ARTIGO%20CL%c3%81UDIA%20P%c3%93S%20GRADUA%c3%87%c3%83O.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

DAVIDSON, K et al. Spoken english language development among native signing children with cochlear implants. **The journal of deaf studies and deaf education**, v. 19, p. 238–250, 2014.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca-Espanha, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

ESCOLA DA VILA. **Escola da Vila**. Disponível em: < <https://www.escoladavila.com.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

FRANK, Ana Carolina. Jogos pedagógicos em Libras. **Blog da Ana Carolina, pedagoga surda**. Disponível em: <<https://anacarolinafrank.blogspot.com/p/jogos-pedagogicos-em-libras.html>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria [online]**, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300011>>. ISSN 1678-4782.

GODFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-internacionalista**. São Paulo: Plexus. 1997.

IBGE estima que exista cerca de 2 milhões de autistas no Brasil. Clínica DMI. 2023. Disponível em:<[https://www.clinicadmi.com/porta/ndex/noticia/4606#:~:text=Dificuldade%20na%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20inter%C3%A7%C3%A3o%20e,do%20Espectro%20Autista%20\(TEA\)>](https://www.clinicadmi.com/porta/ndex/noticia/4606#:~:text=Dificuldade%20na%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20inter%C3%A7%C3%A3o%20e,do%20Espectro%20Autista%20(TEA)>)>. Acesso em: 07 ago. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Uma pergunta que abre portas: questão sobre autismo no Censo 2022 possibilita avanços para a comunidade TEA. 2023. Disponível em: < <https://censo2022.ibge.gov.br/noticias-por-estado/36346-uma-pergunta-que-abre-portas-questao-sobre-autismo-no-censo-2022-possibilita-avancos-para-a-comunidade-tea>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

KASARI, Connie; FREEMAN, Stephanny; PAPARELLA, Tanya. Joint attention and symbolic play in young children with autism: A randomized controlled intervention study. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 47, n. 6, p. 611-620, 2006.

LOOVAS, O. I et al. Ensinar indivíduos com atrasos de desenvolvimento: técnicas básicas de intervenção. **PRO-ED**, p. 903, 2003. Disponível em: < chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-Lovaas.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2022.

MAFRA, Robson. **Língua de sinais para crianças autistas: língua de sinais para crianças autistas pode ser uma ferramenta útil para melhorar a comunicação**. 2017. Disponível em: <<https://blog.librasparabebe.com.br/l%C3%ADngua-de-sinais-para-crian%C3%A7as-autistas-ed3a79275847>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

MANGILI, Ana Raquel Périco. **Conheça a Libras - Língua Brasileira de Sinais**. 2014. Disponível em: <<https://matavunesp.wordpress.com/2014/09/12/conheca-a-libras-lingua-brasileira-de-sinais/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

MAYBERRY, R. I. When timing is everything: Age of first-language acquisition effects on second-language learning. **Applied psycholinguistics**, v. 28, p. 537–549, 2007.

MIN E AS MÃOZINHAS. **EP01 – Cade**. Youtube, 26 set. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

MIN E AS MÃOZINHAS. **EP02 – Cores sumiram**. Youtube, 1 set. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IFGtxNYiGAc>> Acesso em: 09 ago. 2023.

MODELO Denver de intervenção precoce. **Neuroconecta**. 2023. Disponível em: <<https://neuroconecta.com.br/modelo-denver-de-intervencao-precoce/>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

MONTEIRO, Fernanda. A seletividade alimentar e o autismo. **Tismoo**. 2018. Disponível em: <<https://tismoo.us/saude/rotina/alimentacao-da-crianca-com-autismo-seletividade-alimentar/>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

MOREIRA, M. **A inclusão do deficiente auditivo usuário de implante coclear: um olhar familiar à luz da legislação**. Construindo o Serviço Social, n.16, p.59-87, 2006.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. Princípios básicos de análise do comportamento. **Artmed**. 2ª ed. 2018.

OLIVEIRA, Fabiana Leme de. **Equidade, muito mais do que igualdade!** 2020. Disponível em: <<https://www.inclutopia.com.br/l/equidade-muito-mais-do-que-igualdade/>>. Acesso em: 19/08/2023.

PEREZ, Julian. **Sign language for children with autism: sign language for children with autism may be a helpful tool to improve communication**. 2016. Disponível em: <<http://www.shieldhealthcare.com/community/grow/2016/07/13/sign-language-for-children-with-autism/>>. Acesso em: 01 set. 2020.

PERSEGUIÇÃO em labirinto - Cores em Libras. **Wordwall.net**. 1 jogo eletrônico. Disponível em: <<https://wordwall.net/pt/resource/32860673/communications/cores-em-libras>>. Acesso em: 09 ago. 2023.

PROJETO Ampliar: uma vida verdadeiramente diversa. **Estadão**. 2020. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/educacao/escola-da-vila/projeto-ampliar-uma-vila-verdadeiramente-diversa/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

QUADROS, R. M. de. Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v.110, p.125-146, 1997.

QUADROS, Ronice Muller; PIZZIO, Aline Lemos. **Aquisição da língua de sinais**. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_l_nguas_de_sinais_.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.

QUAIS são os tipos de autismo (TEA). **Neurosaber**. 2021. Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/quais-sao-os-tipos-de-autismo-tea-2/>>. Acesso em 02 ago. 2023.

ROCHA, Amanda Santos. **Surdez e autismo: um estudo de caso**. Monografia (Curso de Licenciatura em Letras). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília - DF, p.60, 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15509/1/2016_AmandaSantosRocha_tcc.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

SALES, Karina Costa; ANTONIO, Renata Elias. Introdução de Libras em adolescente com autismo: relato de caso. **Revela**, 2014. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela/revela027/edicoesanteriores/ed17/XVII_02.pdf chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/XVII_02.pdf >. Acesso em: 01 mai. 2022.

SCHEUERMANN, Brenda; WEBBER, Jo. Autism teaching does make a difference. **Cengage Learning**, 1. ed. 2001. 300 p.

SILVA, Lídia. **Aquisição de segunda língua**: o estado da arte da Libras. Alfa: Revista de Linguística, v. 64, e11861, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942020000100220&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, Renata de Arruda Câmara. **Um olhar sobre o surdo na nova Base Nacional Comum Curricular no Brasil**. Revista virtual de cultura surda. Centro Virtual de Cultura Surda, 23 ed., maio de 2018, ISSN 1982-6842. Disponível em: <<https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/6%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2023%20de%20CAMARA%20SILVA.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2023.

SILVA, José Affonso Tavares; CRUZ, Alanne de Jesus; CONCEIÇÃO, Fábio Henrique Gonçalves. **O aprendizado da Libras como segunda língua pela família do surdo**. Encontro internacional de formação de professores e fórum permanente de inovação educacional, 10(10). 2017.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: ciência e profissão [online]**. 2009, v. 29, n. 1 [Acessado 26 julho 2021], p. 116-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010>>. Epub 19 jun. 2012. ISSN 1982-3703.

SOUZA, Diego Teixeira de. **As dificuldades encontradas por ouvintes na aquisição da Libras como L2 e a interferência da marcação não-manual na mudança de significado**. [2012]. 17 p. Artigo (Mestrando em Linguística Aplicada) - Faculdade Letras, UNISINOS, São Leopoldo - RS. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/src/11.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

STRICKLAND, Alix. **Helping individuals with autism communicate using sign language**. 2017. Disponível em: <<http://autismdailynewscast.com/helping-individuals-with-autism-communicate-using-sign-language/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

STRICKLAND, Alix. **Sign language and individuals with ASD**. 2017. Disponível em: <<https://www.autismdailynewscast.com/sign-language-and-individuals-with-asd/>>. Acesso em: 02 mai. 2022.

TD Snap. **Civiam Tecnologia Assistiva**. Disponível em: <<https://tecnologiaassistiva.civiam.com.br/produto/snap-core-first-tobii/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

URBERUAGA, Emilio. **Piccolo e Nuvola**. 1ed. Livros da Matriz, 2017.

VALADÃO, Michelle Nave. RODRIGUES, Lillian Ferreira. LOURENÇO, Ana Rosa. REIS, Beatriz Gomes. **Os desafios do ensino e aprendizagem da Libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos**. Revista (Con) textos Linguísticos, v. 10, n. 15, 2016, p. 125-147. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13500>>. Acesso em 10 ago 2023.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZOTESSA, Marina Cristina. O que é ABA? Funciona somente para o autismo? **Instituto Singular**. 2018. Disponível em: <<https://institutosingular.org/quem-somos/>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “O ENSINO DA LIBRAS E SEUS EFEITOS NA COMUNICAÇÃO COM OUVINTES AUTISTAS”. Pedimos a sua autorização para a coleta, o depósito, o armazenamento, a utilização e descarte do material de pesquisa, que consiste em: “Vídeos gravados durante as aulas – de produções individuais e de trabalhos de interação”; “Fotografias de alguns momentos das aulas”. A utilização do material (vídeos, fotografias e produções) está vinculada somente a este projeto de pesquisa ou se Sr. (a) concordar, poderá ser utilizado em outros projetos futuros. Nesta pesquisa pretendemos “investigar a importância e os efeitos do aprendizado de língua de sinais por ouvintes não-verbais dentro do espectro autista”. A pesquisa consiste: (a) em aulas de Libras para tentar desenvolver a comunicação do aluno; (b) avaliação dos recursos utilizados para o ensino, como vídeos, imagens, dicionários etc.; (c) na avaliação das metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem utilizados, (d) do progresso do aluno e (e) nas formas de comunicação utilizadas para comunicação do/com o aluno. A filmagem das aulas faz parte do projeto de avaliação do curso, tanto para a melhoria das atividades realizadas durante o curso, quanto para o projeto e elaboração de cursos futuros. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: “realização de filmagem de algumas aulas específicas, com autorização prévia dos pais do aluno e de todos que eventualmente possam participar”; “entrevistas ou conversas com profissionais ou familiares que tenham contato direto com o aluno” e “transcrição e análise do conteúdo dos vídeos”.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “Desconforto na filmagem”. Caso o/a Sr. (a) relate desconforto durante a realização da atividade (filmagem), o/a Sr. (a) estará desobrigado de participar da filmagem. A pesquisa contribuirá para “verificar se é possível desenvolver a comunicação de um autista não-verbal por meio do uso de língua de sinais”; “apontar metodologias e/ou estratégias para comunicação com autistas não-verbais” e “servir de base para futuras pesquisas e trabalhos na área”. Os resultados dessa pesquisa pretendem ser divulgados em artigos e palestras, buscando ampliar as formas de comunicação de autistas visando sempre seu desenvolvimento.

Para participar deste estudo o Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização do material de pesquisa armazenado pela pesquisadora, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de seu material produzido, estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr. (a) não será identificado (a) nem seu filho participante em nenhuma publicação que possa resultar dessa pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na "**Faculdade de Letras da UFMG**", e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 10 (dez) anos e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa "**O ENSINO DA LIBRAS E SEUS EFEITOS NA COMUNICAÇÃO COM OUVINTES AUTISTAS**", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

() Concordo que o meu material (vídeos e textos escritos dos alunos) **seja utilizado somente para esta pesquisa.**

() Concordo que o meu material (vídeos e textos escritos dos alunos) **possa ser utilizado em outras pesquisas**, mas serei comunicado pelo pesquisador novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de assistir ao vídeo em Libras sobre este documento que será apresentado aos alunos, ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante

Data ____/____/____

Nome completo do responsável pelo participante

Data ____/____/____

Assinatura do responsável pelo participante

Nome completo do Pesquisador Responsável: Stéfanie Veríssimo Bastos

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627

CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 9146-1322 (WhatsApp);

E-mail: steverissimo@hotmail.com

Assinatura do pesquisador responsável

Data ____/____/____

Em caso de dúvidas em geral, você deverá reportar-se diretamente à pesquisadora, que as esclarecerá prontamente. Outras dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 3409-4592.

Fonte: Próprio autor, 2023.

ANEXO B

Formulário para pesquisa científica

Este formulário é destinado a pais de autistas a fim de entender como funciona a comunicação com autistas dentro de casa bem como o desenvolvimento linguístico da criança de forma geral. As respostas serão analisadas e comentadas (sem nenhum tipo de identificação) em uma pesquisa de mestrado da Faculdade de Letras da UFMG.

Nome e telefone para contato

Texto de resposta curta

1) Quantos filhos você tem? *

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4 ou mais

2) Quantos filhos autistas você tem? *

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4 ou mais

3) Em relação ao(a) seu(sua) filho(a) autista, ele(a) é oralizado(a)? (Entende-se aqui "oralizado" por aquele que tem uma fala funcional). *

☐ Sim

☐ Não

☐ Parcialmente

4) Em relação à forma de comunicar do seu filho(a) autista, qual nível de funcionalidade? *

☐ Altamente funcional (comunicação extremamente clara)

☐ Funcional (comunicação satisfatória)

☐ Parcialmente funcional (comunicação ora é eficaz ora não)

☐ Não funcional (comunicação com muitos problemas)

☐ Não existe nenhuma forma de comunicação

5) Como funciona a comunicação dentro de casa? Se possível, dê alguns exemplos. *

Texto de resposta longa

6) Em relação à convivência familiar, quais as principais dificuldades encontradas na rotina com o autista? *

Texto de resposta longa

7) Em relação à convivência em sociedade, quais as principais dificuldade encontradas com seu(sua) filho(a) autista? *

Texto de resposta longa

8) Qual é a situação do(a) seu(sua) filho(a) autista em relação ao estudo formal (escola)? *

Texto de resposta longa

9) Em caso de autistas não verbais ou com aquisição de linguagem tardia, você já tentou formas alternativas de comunicação? Se sim, qual(is)? Se não, justifique. (CASO SEU FILHO SEJA ORALIZADO, FAVOR RESPONDER "NÃO SE APLICA"). *

Texto de resposta longa

10) Quais suas expectativas em relação ao futuro do(a) seu(sua) filho(a)? *

Texto de resposta longa

11) Você permitiria que seu(sua) filho(a) fizesse aulas de língua de sinais na tentativa de desenvolver uma comunicação gestual para ajudar a desenvolver mais a oralidade e/ou comunicação? Justifique. *

Texto de resposta curta

Fonte: Próprio autor, 2023.

ANEXO C

Formulário para pesquisa científica

Este formulário é destinado a surdos que já deram aula para autistas a fim de entender as metodologias usadas e como foi a recepção e o desenvolvimento do autista com a língua de sinais. As respostas serão analisadas e comentadas (sem nenhum tipo de identificação) em uma pesquisa de mestrado da Faculdade de Letras da UFMG. As respostas podem ser escritas em português do seu jeito.

Nome e telefone para contato

Texto de resposta curta

1) Há quanto tempo você é professor de Libras? *

Texto de resposta curta

2) Quantos alunos autistas já teve? *

Texto de resposta curta

3) Quando tinha aluno autista, a aula era toda em Libras ou também oralizava? *

Texto de resposta curta

4) Seu aluno autista, era verbal ou não verbal? *

☐ Verbal (conseguia falar/oralizar com as outras pessoas)

☐ Não verbal (não conseguia falar/oralizar com as outras pessoas)

5) Seu aluno autista, era muito expressivo ou não? *

☐ Expressivo

☐ Não expressivo

6) Qual(is) estratégia(s) e metodologias diferenciadas você usou nas turmas com aluno autista? (Atenção: pode escrever o português do seu jeito). *

Texto de resposta longa

7) Como foi o desenvolvimento desse aluno (sem compará-lo com os outros da turma, pensando no progresso individual)? *

☐ Excelente

☐ Bom

☐ Regular

☐ Ruim

8) Como foi o desenvolvimento desse aluno em comparação com o restante da turma? *

- ☐ Muito bom
- ☐ Bom
- ☐ Razoável
- ☐ Ruim

9) Qual sua opinião sobre o uso da Libras na comunicação com autistas, especialmente não verbais? (Levando em conta que eles também são muito visuais). *

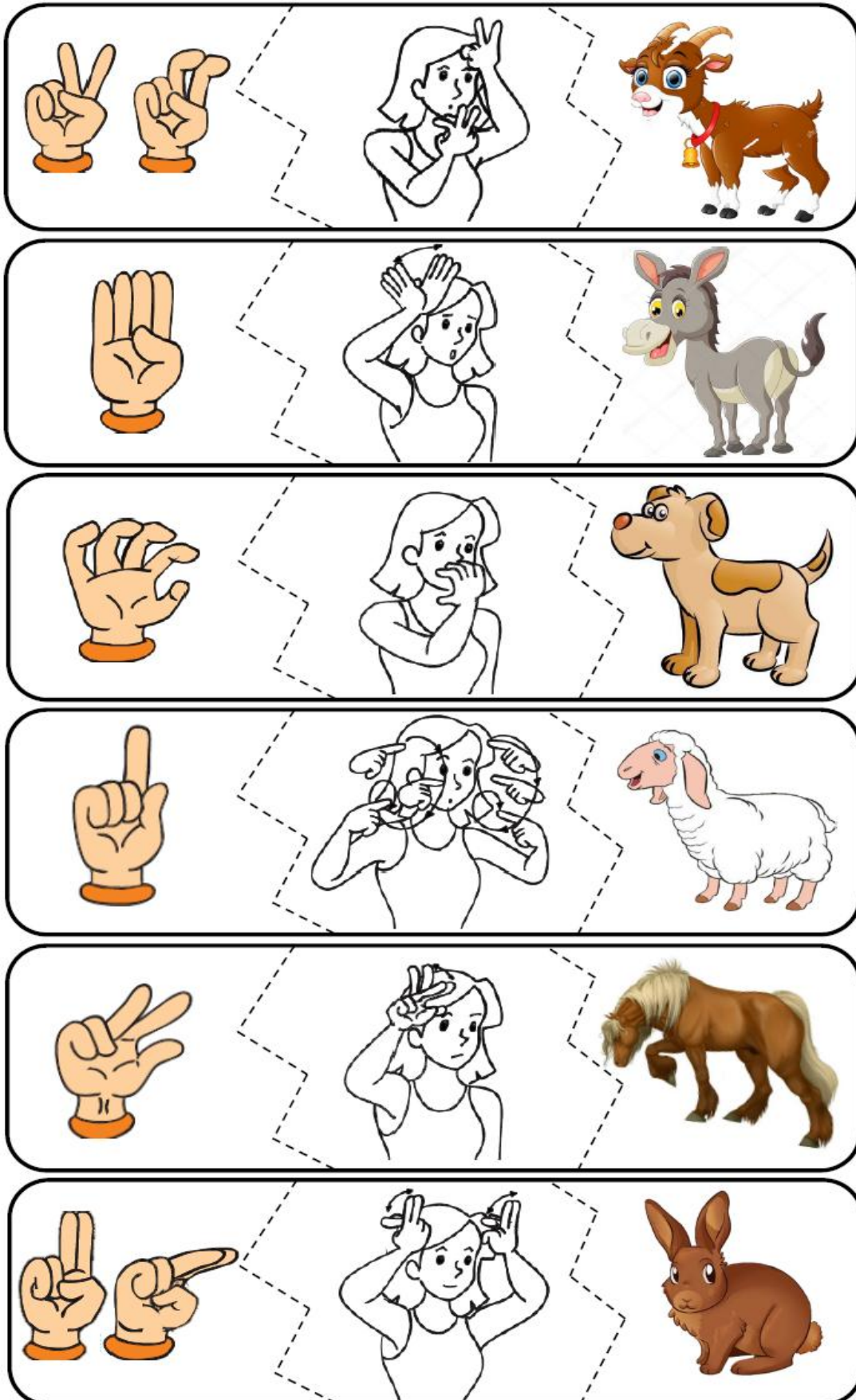
Texto de resposta longa

10) Deixe aqui um comentário sobre o tema ou o que queira contar da sua experiência com o ensino de língua de sinais para autistas. (PERGUNTA NÃO OBRIGATÓRIA) Se quiser fazer um comentário em Libras, pode gravar um vídeo de até 3 minutos e colocar o link do vídeo na resposta. Por favor, coloque o vídeo "não listado", não coloque como "privado" ou não conseguirei assistir.

Texto de resposta longa

Fonte: Próprio autor, 2023.

ANEXO D







- EDIÇÃO DE: KARIN STROBEL
- LIBRAS de: **VOCABULÁRIOS DE LIBRAS**, de Clara Ramos Pedroza e Mauro Lúcio Gondim, APM/CEADA – Campo Grande/MS, 2015.
- ILUSTRAÇÕES de: Google.com.br/imagens

2017